UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE TECNOLOGIA E GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE OCEANOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM OCEANOGRAFIA

FILIPE GUILHERME RAMOS COSTA NEVES

INFLUÊNCIA DA PLUMA ESTUARINA SOBRE A HERBIVORIA DO ZOOPLÂNCTON EM UM AMBIENTE RECIFAL (TAMANDARÉ, PERNAMBUCO)

Recife
2020

FILIPE GUILHERME RAMOS COSTA NEVES

INFLUÊNCIA DA PLUMA ESTUARINA SOBRE A HERBIVORIA DO ZOOPLÂNCTON EM UM AMBIENTE RECIFAL (TAMANDARÉ, PERNAMBUCO)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Oceanografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Oceanografia.

Área de concentração: Oceanografia Biológica.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Augusto Mendes de Castro Melo.

Coorientador: Prof. Dr. Mauro de Melo Júnior.

Recife

2020

Catalogação na fonte
Bibliotecária Margareth Malta, CRB-4 / 1198

N518i Neves, Filipe Guilherme Ramos Costa.
Influência da pluma estuarina sobre a herbivoria do zooplâncton em um ambiente recifal (Tamandaré, Pernambuco) / Filipe Guilherme Ramos Costa Neves. - 2020.
66 folhas, il., gráfs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Augusto Mendes de Castro Melo.
Coorientador: Prof. Dr. Mauro de Melo Júnior.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CTG. Programa de Pós-Graduação em Oceanografia, 2020.
Inclui Referências.
Parte do texto em inglês.

1. Oceanografia. 2. Estuarino. 3. Recifes de corais. 4. Zooplâncton. 5. Crustáceos. 6. Teia alimentar. I. Melo, Pedro Augusto Mendes de Castro (Orientador). II. Melo Júnior, Mauro de. (Coorientador). III. Título.

UFPE

551.46 CDD (22. ed.) BCTG/2021-36

FILIPE GUILHERME RAMOS COSTA NEVES

INFLUÊNCIA DA PLUMA ESTUARINA SOBRE A HERBIVORIA DO ZOOPLÂNCTON EM UM AMBIENTE RECIFAL (TAMANDARÉ, PERNAMBUCO)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Oceanografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Oceanografia.

Aprovada em 09/06/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Augusto Mendes de Castro Melo (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Simone Maria de Albuquerque Lira (Examinadora Externa)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. Renata Polyana de Santana Campelo (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Todo o meu esforço àqueles cuja vida me inspira todos os dias. À querida e famosa “mainha”: minha avó **Lindalva**, à minha querida mãe, **Márcia** & a todo meu *flock of birds*.

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento ao autor de toda a criação, que uns chamam de Deus, outros de Força Superior, mas quem une todas as coisas e acima de tudo está. Ele juntou meus pedaços nesse grande recomeço de minha vida.

A meus grandes, inspiradores e mui pacientes orientadores, a quem devo um grande respeito, pois me viram nascer na ciência, engatinhar nela, e juntos me ensinaram as bases de uma carreira profissional. Vocês foram e sempre serão inspiração pra mim, Pedro e Mauro. A vocês agradeço profundamente.

A meus queridos, amáveis e ‘diversos’ amigos do Laboratório de Zooplâncton do Museu de Oceanografia da UFPE, Renata, Denise, Cíntia, Ralf (Fio), Simone Lira (Simon), Gabriel, Lucas, Simone, Claudeilton, Morgana, Babie, Andréa, Kaio, Micaele, Richard, os professores Ralf e Sigrid, vocês fizeram meu mestrado ser único e muito significativo. Cada um de vocês têm um lugar especial em meu coração e em minhas lembranças.

Aos amigos do Laboratório de Fitoplâncton da UFPE, Léo, Laiza, Nayanna, Nize, Bianca, os professores Maguinho, Glória e Sirleis, a queridíssima dona Edileuza, Zinaldo, os quais foram para mim muito importantes no início desse mestrado, eles foram grandes amigos, também têm um lugar especial no meu coração e em minhas lembranças.

Aos amigos do Laboratório de Ecologia do Plâncton da UFRPE, Alef, Felipe, Lucas, Leidi, Junior, Myller, Rayssa, Milena, Itallo, Lucas Ferreira e Alberto, os quais tiveram grande importância na época do início de meu mestrado, lembro do piquenique e passeio de bicicleta e das interações no laboratório, foram pessoas que me incentivaram muito. Muitos deles me ajudaram nas campanhas do mestrado, sendo importantes para o desenvolvimento desse estudo. Outros como Alef e Junior me auxiliaram na escrita da minha dissertação. Sou grato a cada um de vocês. Saibam que têm um lugar no meu coração e nas minhas lembranças.

A minha família, os quais demonstraram muita paciência comigo na realização deste trabalho. Sou grato por entenderem todo o processo. Sou grato também pelos conselhos e preocupações, que não foram poucos. Obrigado por todo amor despejado em mim, isso me fez mais forte dia após dia.

Aos meus amigos, *my flock of birds*, que nunca desistiram de mim, mas mesmo à distância me despejaram amor, demonstraram companheirismo, me deram uma riqueza que não perece que é as lembranças de nossas parcerias. Escrevo com lágrimas nos olhos a fim de dizer a vocês, Junior, Leidi e Joyce o quanto eu sou grato pelas vossas vidas. Vocês foram e continuam sendo significativos em minha vida, no sentido estatístico da palavra, fazendo diferença no meu dia-a-dia. Sempre penso em vocês e não me esqueço de nenhum momento nosso. Peço perdão por não lhes ter procurado muito, pois estava ocupado com a dissertação e agradeço por terem agido com compreensão ao longo desse tempo. Já fazem morada no meu coração e não preciso nem dizer quanto às minhas lembranças.

Agradeço ao CEPENE e todas as pessoas envolvidas na pessoa da Professora Beatrice por ter proporcionado toda a logística para a realização das campanhas desse trabalho. Tenho ótimas lembranças do Centro, todos os funcionários foram sempre cordiais comigo e com toda a equipe envolvida. Aos meus professores, que com suas competências e com muita fé me ensinaram aspectos importantes da oceanografia, os quais pude acrescentar no estudo aqui apresentado.

Aos meus colegas de turma, a 2018.1, por todo o conhecimento e companheirismo partilhados.

Aos funcionários do DOCEAN como Ana, William, seu Domingos, Rose, seu Hermes e todos os outros que sempre foram cordiais comigo. E também aos motoristas da UFRPE que nos ajudaram no transporte Tamandaré-Recife.

As revisoras do inglês do nosso artigo, Fiona e Elizabeth, amigas australianas de longo tempo.

A banca de defesa dessa dissertação pela oportunidade que me deram em ter seus comentários para melhoria desse trabalho.

Ao Programa de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração Tamandaré Sustentável (PELD TAMS) e ao Projeto Recifes Costeiros (SOSMA Fundação Toyota do Brasil) pela parceria no presente estudo.

Ao Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da minha bolsa de mestrado

A todos vocês minha eterna gratidão

RESUMO

Nós objetivamos entender a influência estuarina sobre um ecossistema recifal a partir de três fatores: (i) comparação da estrutura da comunidade zooplanctônica entre a pluma e os recifes costeiros próximos, (ii) obtenção da prevalência do comportamento alimentar de copépodes, e (iii) identificação dos aspectos da teia alimentar recifal. O estudo foi conduzido na Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais, a maior área de proteção marinha da costa sudoeste do Atlântico. O zooplâncton foi coletado com redes de dois tamanhos de malha para coleta de ambos o microzooplâncton e o mesozooplâncton, enquanto os dados ambientais foram coletados com o equipamento adequado. Foram requeridos dados da literatura para obter o comportamento alimentar dos copépodes. Nossos resultados demonstram a contribuição de famílias estuarinas, como Paracalanidae, Acartiidae e Oithonidae com seus náuplios e copepoditos, para os recifes costeiros tropicais. A abundância e biomassa do zooplâncton noturno foi bem maior que durante o dia e Copepoda foi o táxon mais abundante para ambos o microzooplâncton e o mesozooplâncton. A herbivoria foi o comportamento mais prevalente entre os copépodes sobre os recifes tropicais. Nossos dados também demonstram uma breve contribuição do microzooplâncton para a teia alimentar microbiana em ambientes sob influência de pluma, deixando o mesozooplâncton para a cadeia de pastagem. A maior parte dos herbívoros também demonstraram um comportamento onívoro.

Palavras-chave: Estuarino. Recifes de corais. Zooplâncton. Crustáceos. Teia alimentar.

ABSTRACT

We aimed to understand the estuarine influence on a reef ecosystem by comparing the zooplanktonic community structures between a plume and the nearby coastal reefs, by obtaining the prevalence of copepod’s feeding behaviour, and identifying aspects of reef food web. The study was carried out in the Environmental Protection Area Costa dos Corais, the biggest marine protection area over the Southwestern Atlantic coast. Zooplankton was collected using nets of two mesh sizes for both microzooplankton and mesozooplankton sampling, whereas field data were collected with the proper equipment. Literature data was required to assess the feeding behaviour of copepods. Our results demonstrate the contribution of estuarine families, such as Paracalanidae, Acartiidae, and Oithonidae with their nauplii and copepodites to tropical coastal reefs. Nocturnal zooplankton abundance and biomass were higher than the day, and copepods were the most abundant taxa for both microzooplankton and mesozooplankton. Herbivory was the most prevalent feeding behaviour of copepods over tropical reefs. Our data also demonstrate a slight contribution of microzooplankton to microbial food web in environments under plume influence, leaving the mesozooplankton to the grazing one. The majority of herbivorous copepods also demonstrated an omnivorous behaviour.

Keywords: Estuarine. Coral reefs. Zooplankton. Crustaceans. Food web.

LISTA DE FIGURAS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

Plumas estuarinas são influenciadas pelo vento, pelas marés e pelas descargas fluviais (Morris, Allen, Howland, & Wood, 1995; Valle-Levinson, 2010). Elas são uma extensão dos estuários, mantendo características próprias de águas estuarinas. Os estuários apresentam baixa salinidade devido a descarga fluvial, porém isso não é regra já que há tipos em que há maior influência marinha do que a dos seus tributários. Assim, há regiões em que a salinidade é próxima a do mar adjacente, demonstrando uma grande influência marinha. Desse modo, os estuários apresentam uma grande variação de salinidade ao longo de um único dia.

Outra característica de estuários tropicais é sua grande produção de matéria orgânica graças a presença do manguezal nas suas margens. As marés empregam um importante papel na disponibilidade dessa matéria orgânica na coluna d’água, por isso, diz-se que os estuários são ambientes altamente produtivos, já que produzem uma grande quantidade de matéria orgânica. As plumas estuarinas detêm tais características, levando as condições estuarinas para a plataforma adjacente. Assim como as águas estuarinas, as plumas são altamente dinâmicas (Morris et al., 1995).

Ambientes recifais adjacentes a estuários podem ser influenciados pelas características estuarinas, ou seja, acúmulo de nutrientes e, consequentemente, alta produtividade primária e secundária. Os recifes são ambientes altamente produtivos e apresentam uma biodiversidade grande. Sua produtividade é especialmente o que conduz à alta biodiversidade do ecossistema. Uma grande quantidade de alimento permite que a comunidade recifal floresça, além de servir como berçário para um grande número de espécies, do mesmo modo que os estuários.

O zooplâncton apresenta uma grande importância em meio aos componentes da teia trófica marinha, pois serve de elo entre os produtores e demais consumidores, cabendo a eles o transporte da energia para níveis tróficos elevados, além de contribuírem com os ciclos biogeoquímicos dos elementos (Castellani & Edwards, 2017; Turner, 2004b). Entre esses metazoários planctônicos, os copépodes são geralmente os dominantes da comunidade, apresentando abundância de até 90% nos ecossistemas marinhos tropicais. Inclusive, eles são considerados os “insetos do mar” devido tamanha abundância nos biossistemas (Bjönberg, 1981; S. Neumann-Leitão, 1995; Schminke, 2007; A. P. Silva, Neumann-Leitão, Schwamborn, De Oliveira Gusmão, & De Almeida E Silva, 2004). Vale ressaltar ainda a importância dessa fauna como alimento para alguns peixes de interesse comercial (Irigoien et al., 2002; Tseng, Souissi, Dahms, Chen, & Hwang, 2008). Percebe-se, portanto, o zooplâncton como componente essencial para a dinâmica dos ecossistemas marinhos tropicais, como os estuários e também os recifes de corais.

O animais e protozoários do plâncton em ambientes recifais servem como fontes alimentares para os organismos ali presentes (Glynn, 1973). Inclusive, espécies de corais são conhecidas por ingerirem zooplâncton a uma faixa entre 20 a 80% de abundância da comunidade (Nascimento-Vieira, Neumann-Leitão, Porto-Neto, Silva, & Silva, 2010). Ayukai (1991) sugere que esforços devem ser empregados para compreender os padrões da comunidade zooplanctônica de modo a servir como base para futuros estudos da trofodinâmica do ambiente.

A matéria orgânica e os nutrientes são provenientes dos produtores bentônicos estuarinos como também da descarga fluvial. O florescimento da comunidade fitoplanctônica e, consequentemente, da comunidade zooplanctônica, é função desse aumento na concentração de nutrientes e matéria orgânica. O zooplâncton então se aproveita dessa quantidade de alimento e tende a aumentar sua abundância. No entanto, ao longo dos anos, a cadeia trófica clássica (fitoplâncton-zooplâncton-peixes) tem sido questionada por uma variedade de estudos. O zooplâncton, por sua vez, apresenta uma diversidade de tamanhos e hábitos alimentares. O microzooplâncton apresenta uma variedade de organismos pequenos menores que 200 µm, sendo capazes de se alimentar tanto de fitoplâncton quanto de ciliados. Estes, por outro lado, se alimentam tanto de fitoplâncton quanto da matéria orgânica suspensa. Assim, o conceito da alça microbiana foi criado, a fim de descrever a possibilidade do plâncton em reciclar a matéria orgânica que, de outro modo, seria transferida às comunidade bentônicas.

Os copépodes contribuem tanto para a cadeia trófica clássica quanto para a alça microbiana. Existem copépodes que apresentam hábitos herbívoros como *Pseudiaptomus* spp. e outros que apresentam hábitos carnívoros como *Labidocera* spp. e *Calanopia americana*. A maioria apresenta hábitos onívoros como *Acartia* spp., *Oithona* spp., *Paracalanus* spp., *Parvocalanus crassirostris*, *Temora* spp. Os náuplios de copépodes podem, inclusive, apresentar hábitos detritívoros, alimentando-se de *pellets* fecais dos próprios copépodes e, assim, contribuírem para a teia trófica detritívora.

A Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais (APACC) apresenta ambientes recifais e estuarinos ao longo da sua extensão, que ocorre desde o estado de Alagoas a Pernambuco, com limite no litoral de Tamandaré. Esta cidade está localizada no litoral sul do estado de Pernambuco, onde há presença de recifes costeiros, que ocasionalmente encontram-se emersos na preamar. A região apresenta três linhas de recifes paralelos à praia, cuja terceira linha determina o limite da Baía de Tamandaré. A pluma do estuário dos rios Mamucabas e Ilhetas pode banhar a região dos recifes. Suas águas podem ocasionar diminuição da salinidade como também aumento da turbidez das águas, devido as características estuarinas que carregam. Esses rios são costeiros e apresentam manguezais ao longo das suas bordas. Sendo assim, a presença da pluma estuarina pode apresentar implicações para o ecossistema recifal da região de Tamandaré, os quais podem apresentar quantidades significativas de material orgânico, por exemplo. A região litorânea de Pernambuco apresenta sazonalidade quanto ao regime de chuvas, sendo dividida em duas estações, uma chuvosa e uma seca, cujos períodos ocorrem entre abril e agosto e entre setembro e março, respectivamente (M. R. Da Silva, Silva-Cunha, Feitosa, & Muniz, 2005).

O foco dos estudos nos recifes de Tamandaré têm sido na estrutura e distribuição do plâncton e na biomassa e produtividades primária e secundária (Moura and Passavante, 1995; Silva *et al.*, 2005; Fidelis, 2014; Neumann-Leitão *et al.*, 2018). É essencial o entendimento da produção do zooplâncton nos ambientes marinhos a fim de permitir avanços nos planos de manejo de tais ecossistemas. Ainda mais relevante é a posição política dos recifes de Tamandaré, que estão dentro da APACC, a maior área de proteção ambiental marinha do país (Brasil, 1997).

Nesse contexto, o objetivo da presente dissertação é entender a influência que a pluma estuarina detém sobre os recifes tropicais presentes na Baía de Tamandaré. Para isso, três perguntas foram feitas: (i) há diferença na estrutura da comunidade entre a pluma e os recifes?, (ii) qual o comportamento alimentar mais prevalente entre os copépodes? e (iii) qual teia alimentar pode ser indicada para os recifes costeiros da região?

Para isso a presente dissertação está estruturada em um artigo intitulado “Distribution and prevalence of planktonic copepod feeding behaviour on reefs influenced by estuarine plume in Brazil”.

1.1 OBJETIVOS

Este trabalho apresenta os objetivos pautados na investigação da influência que a pluma estuarina pode apresentar para os recifes costeiros da baía de Tamandaré no sul do estado de Pernambuco. Essa região está inserida na Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais, a maior área de proteção ambiental marinha do Brasil.

1.1.1 Objetivo geral

Avaliar a influência da pluma estuarina sobre a herbivoria do zooplâncton em um ambiente recifal da APA Costa dos Corais

1.1.2 Objetivos específicos

a) Determinar os atributos da comunidade de copépodes mesoplanctônicos, predominantemente herbívoros, como composição, biomassa, abundância e diversidade;
b) Determinar as taxas de ingestão diária das diferentes classes de tamanho dos copépodes herbívoros, em ambos horários do dia e períodos do ano;
c) Estimar a herbivoria e o impacto alimentar dos copépodes mesoplanctônicos sobre a biomassa das diferentes frações do fitoplâncton recifal de Tamandaré, considerando a influência temporal das plumas estuarinas.

2 DISTRIBUTION AND PREVALENCE OF PLANKTONIC COPEPOD FEEDING BEHAVIOUR ON REEFS INFLUENCED BY ESTUARINE PLUME IN BRAZIL

Artigo submetido à revista **Marine and Freshwater Research**

ABSTRACT

We aimed to understand the estuarine influence on a reef ecosystem by comparing the zooplanktonic community structures between a plume and the nearby coastal reefs, by obtaining the prevalence of copepod’s feeding behaviour, and identifying aspects of reef food web. The study was carried out in the Environmental Protection Area Costa dos Corais, the biggest marine protection area over the Southwestern Atlantic coast. Zooplankton was collected using nets of two mesh sizes for both microzooplankton and mesozooplankton sampling, whereas field data were collected with the proper equipment. Literature data was required to assess the feeding behaviour of copepods. Our results demonstrate the contribution of estuarine families, such as Paracalanidae, Acartiidae, and Oithonidae with their nauplii and copepodites to tropical coastal reefs. Nocturnal zooplankton abundance and biomass were higher than the day, and copepods were the most abundant taxa for both microzooplankton and mesozooplankton. Herbivory was the most prevalent feeding behaviour of copepods over tropical reefs. Our data also demonstrate a slight contribution of microzooplankton to microbial food web in environments under plume influence, leaving the mesozooplankton to the grazing one. The majority of herbivorous copepods also demonstrated an omnivorous behaviour.

Additional keywords: estuarine; coral reefs; zooplankton; crustaceans; food web

1 INTRODUCTION

In regard to the global income, reefs are recognized as the most valuable of all marine ecosystems. Numbers demonstrate they contribute about 1.8% of the biosphere value, which is between US$16 and US$54 trillion annually (Souter & Lindén, 2000). They can also support a variety of life forms, especially fish and corals (Bellwood, Hughes, & Nyström, 2004). Moreover, the ecosystem services that reefs provide to the human population are outstanding. They contribute to the people living within islands and coastal populations worldwide, which almost entirely depend on these coastal ecosystems for their income and daily protein, as well as their coastal protection (Woodhead, Hicks, Norström, Williams, &

Graham, 2019). Nowadays in the Anthropocene, in addition to natural threats reefs have been facing, there has been a strong concern for their protection against anthropogenic actions, such as overfishing, tourism and sedimentation (Bellwood et al., 2004; Sigrid Neumann-Leitão et al., 2018; Pauly & Zeller, 2014). Recently, the Brazilian coast suffered with an oil spill, which affected important and sensitive environments such as coastal reefs (Magris & Giarrizzo, 2020; Soares et al., 2020).

Coastal ecosystems such as woodlands, mangroves, and flood plains are required for the quality of the water reaching the reefs (Butler et al., 2013). They are important for the nutrient cycling within themselves together with spiralling in their streams (Newbold, Elwood, O'Nell, & Sheldon, 1963), which might decrease the rates that reefs are exposed to high amounts of nitrogen and phosphate compounds, for instance. Elevated nutrient concentrations can foster increases in alga productivity (Vallina et al., 2014), which may disturb reef communities later if estuarine waters reach these areas (Glasby, Gibson, & Cruz-Motta, 2017). However, plain management and policy actions can help the endeavour of maintaining reef ecosystem services (Glasby et al., 2017). Therefore, it is paramount that research should be done to provide effective information for both private and public stakeholders. The structure of the plankton community can be an indicative source of environmental health (Sigrid Neumann-Leitão et al., 2018), hence should be considered as one important step towards coastal marine management.

The zooplankton can play is important in the flux of matter and energy in the pelagic systems (Sigrid Neumann-Leitão et al., 2018). The organisms are responsible for the resilience of marine ecosystems in times of disturbances, whether they are natural or anthropogenic. Copepods, for instance, can be herbivore, carnivore, omnivore and detritivore, hence comprising both kinds of food webs (Benedetti et al., 2016; Nakajima et al., 2017; Nakajima, Yoshida, Othman, & Toda, 2014). They can be responsible for transferring energy up the food chain to planktivorous fishes, and even corals and other zoanthids, for example (Jackson & Lenz, 2016; Nakajima et al., 2017). Performing the detritivore role, they recycle the matter that would be "lost" to sedimentation, bringing it back to the food chain to become available for higher levels, a process called microbial loop (Pomeroy, Williams, Azam, & Hobbie, 2007).

Due to high loads of nutrients and organic matter, estuarine food chains are detritivorous most of the time, although they demonstrate some pelagic grazing (Deegan & Garritt, 1997). Moreover, neritic waters with high loads of estuarine production can perform the same activity despite decreases in oxygen content (Zhang et al., 2010). Nonetheless, reefs are highly productive ecosystems in terms of biodiversity. This coastal ecosystem is usually supported by herbivory most of the time (Steneck, Bellwood, & Hay, 2017). Productivity is high among algae, which fosters secondary productivity and an extremely diverse food web (Steneck et al., 2017). During the night, the zooplankton community may become more diverse and abundant as many individual zooplankters migrate upwards to graze on the phytoplankton production, which is driven either by physiological constraints or by avoiding predation (Lambert, 1989).

Estuaries are conspicuous worldwide, hence presenting a variety of characteristics in regard to their geomorphology and water flux (Ray, 2005). They are even recognised as exporters of organic matter to the adjacent continental shelf (Wösten, Willigen, Tri, Lien, & Smith, 2003). A study by Schwamborn, Voss, Ekau, & Saint-Paul (1999), conducted within tropical coastal ecosystems, demonstrated that the amount of carbon exported by mangroves, for instance, is negligible to offshore shelf, but is higher inshore until a nearby reef line. Due to their high loads of nutrients and organic matter together with a variety of habitats, estuaries present species that are strongly adapted to such a system, where they use the resources for their growth and development (Bible & Sanford, 2016; Courrat et al., 2009; David et al., 2016). There are certain copepods that present an omnivore state but a predominantly detritivore behaviour such as those within Ectinosomatidae and Oncaeidae (Benedetti et al., 2016) as well as the nauplii stages (Green, Harris and Duncan, 1992; Mauchline, 1998; Poulsen and Iversen, 2008; Nakajima, 2014). Understanding the ecological interactions of planktonic communities within estuaries could inform important data for the management of coastal environments influenced by them, such as coastal reefs.

On the tropical west coast of the Atlantic, there are many reef formations responsible for important ecosystem services to nearby human populations. Fishing, tourism, recreation and coastal protection are some of the services these reefs provide (ICMBio, 2012). These reefs present a diversity of environments such as mangroves and estuaries, whose production loads can reach the reefs (Araújo, Castiglioni, & Coelho, 2012; Lira, Falcão, Zapata, & Oliveira, 1978).

From this backdrop, we aimed to understand whether the reef formations of TB can be influenced by the estuarine environment nearby. The zooplankton community is a key factor in understanding this relationship, especially copepods and their feeding behaviour. Copepoda was considered an object for this study due to their higher abundance in this area (Porto-Neto, 2003), representing more than 90% of the zooplankton community abundance (Silva et al., in review). We investigated (i) the spatial and temporal variation amongst the zooplankton, (ii) the prevalence of copepod's feeding behavior, and (iii) the food web most represented within the reef region.

2 MATERIALS AND METHODS

2.1 STUDY SITE

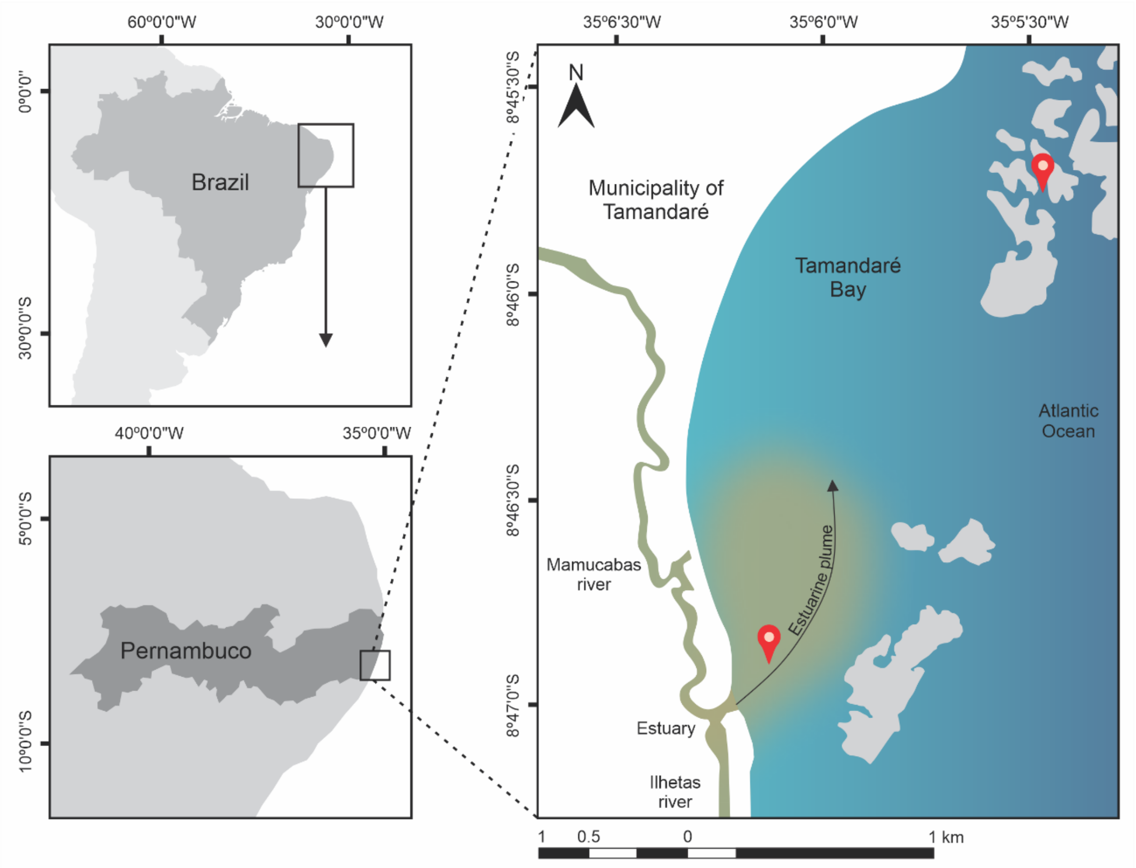
In the tropical coast of Northeast Brazil, one of these environments is the Mamucabas-Ilhetas estuary, located alongside Pernambuco state. This estuary disposes of its water onto a bay called Tamandaré Bay (TB), which presents reef formations at its eastward limit (Camargo, Araújo, Maida, & Ushizima, 2007; Fontes, Gomes, Vital, Ferreira, & Maida, 2020). These reefs are within the Costa dos Corais Environmental Protection Area (APACC), also presenting areas of forbidden human activities which are responsible for providing rehabilitation of marine species in the area (ICMBio, 2012).

The study was carried out on TB (Fig 01), which presents reef formations that are parallel to the coastline (Camargo et al., 2007; Fontes et al., 2020), and some estuaries nearby, such as the one of the Mamucabas-Ilhetas estuary (Araújo et al., 2012; Lira et al., 1978). Together they form one mouth towards the bay, where the rivers dispose of their discharge (Araújo, Tenório, & Castiglioni, 2014). The region presents a historical pluviometric precipitation of 2000 mm year^{-1} on average (Araújo et al., 2012). The wet period happens from April to September, while the dry period goes from October to March (Portella, Santos, & Araújo, 2001).

Furthermore, this region is inside the APACC (Fontes et al., 2020), whose objective is to coordinate the activities of conservation and preservation with human activities, such as fishing, tourism and research in order to fulfill sustainability requirements (Ferreira, Maida, & Cava, 2001; ICMBio, 2012). According to the APACC plan, there are problems that pose issues regarding the sustainability of the Environmental Protection Area (ICMBio, 2012). For instance, non-managed fishing activities, disoriented coastal population increases and insufficient scientific knowledge are some threats to the management of the Area. The fishing production in the Area was some 2278 catches throughout the former decade of this century.

In addition, TB presents the exclusive area for the preservation of marine life where no human activity can be performed, except research.

Figure 01: Sampling sites at TB. The stations, reef and plume, are represented as the red points



Source: Silva, K.H.F.

2.2 SAMPLING STRATEGY

There were five campaigns performed from April 2018 to June 2019, during the dry (October 2018, December 2018) and rainy (April 2018, August 2018, June 2019) seasons. Two fixed stations were established: (i) over the reef area, and (ii) at the estuarine plume. During the day, the samples were collected at both stations, whereas during the night just the reefs were assessed. All samples were collected during the ebb tide, when the water flows from the estuary to the coast. Zooplankton samples were collected by horizontal subsurface hauls performed with two cylindrical-conical nets for three minutes. The two nets had 30 cm mouth diameters [64 µm (microzooplankton) and 200 µm (mesozooplankton) mesh sizes]. A total of 30 samples were collected for the study. To obtain the water volume filtered, a flowmeter was coupled at the mouth of the nets. After collection, the samples were transferred to plastic bottles and immediately preserved in formaldehyde solution (4%), buffered with sodium tetraborate.

Environmental data were assessed with a multiparameter equipment (Horiba U52) with sensors for temperature, salinity, transparency, turbidity, total dissolved solids, dissolved oxygen and pH. The local precipitation was also assessed through data collected from the Pernambuco State Agency of Water and Climate (APAC), considering 30 days of accumulated values.

2.3 LABORATORY PROCEDURE

In the laboratory, the samples were diluted in water solution to the identification and counting of zooplankton groups, and more specifically copepods considering their life stages (copepodites and nauplii). The mesozooplankton samples were split into small aliquots using a Motoda quarter (maximum 1/128 fraction), while microzooplankton samples were diluted with a volume [that varied from 20 mL to 100 mL] for a 2 mL subsample to be analysed in a Sedgewick-Rafter chamber. Each fraction or subsample was identified under either optical microscope (microzooplankton) or stereomicroscope (mesozooplankton). Specialized literature was used to obtain the taxa of the animals and of the heterotrophic protists as specific as possible (e.g., Björnberg, 1981; Boltovskoy, 1999).

2.4 BIOMASS ESTIMATION OF COPEPODS

Copepods and their larval stages were measured (prosome length for adults and other copepodite stages, and the whole body length for nauplii) using a micrometer ruler on the lenses of microscopes. Then, the weight (µg) was obtained from regression equations (Table 01). For *Temora stylifera* the wet weight was converted in dry weight with a factor of 0.2 (Shmeleva, 1965). The dry weight was converted to carbon weight (µgC) according to Hirota (1981)**.** The copepod biomass was given for each taxa by multiplying the correspondent carbon weight with the correspondent abundance.

TABLE 01: LENGTH-WEIGHT REGRESSION EQUATIONS FOR EACH TAXA. DW (DRY WEIGHT), WW (WET WEIGHT), L (PROSOME LENGTH IN µM), TL (TOTAL BODY LENGTH IN µM).

Taxa	**Equation**	**Reference**
All nauplii	$\text{Log}_{10}\ \text{DW (ngC)} = 2.94 \times \text{Log}_{10}\ \text{L} - 4.82$ (µmC = ngC x 0,001)	Nakajima *et al.*, 2017
Benthic harpacticoid, Ectinosomatidae, and Miraciidae	$\text{Log}_{10}\ \text{DW} = 3.26 \times \text{Log}_{10}\ \text{TL} - 8.51$	Nakajima *et al.*, 2017

Clausocalanidae	ln DW = 2.78 x ln L - 16,52	Webber and Roff, 1995
Corycaeidae	ln DW = 1.70 x ln L - 9.92	Chisholm and Roff, 1990
Oncaeidae	ln DW = 2.10 x ln L - 11.63	Webber and Roff, 1995
Paracalanidae	ln DW = 2.78 x ln L - 16.52	Webber and Roff, 1995
Pontellidae	DW = 3.770 x 10^{-8} x $L^{2.837}$	Ara, 2001
Eucalanidae	Log_{10} DW = 2.828 x $\log_{10}$ L - 5.408	Ueda, Kobari and Steinberg, 2008
Acartia lilljeborgi	DW = 6.177 x 10^{-9} x $L^{3.029}$	Ara, 2001
Acartia tonsa	DW = 9.662 x 10^{-9} x $L^{2.931}$	Ara, 2001
Calanopia americana	ln DW = 2.67 x ln L - 15.47	Chisholm and Roff, 1990
Centropages spp.	ln DW = 3.68 × ln L - 22.86	Chisholm and Roff, 1990
Euterpina acutifrons	ln DW = 2.72 x ln L - 16.19	Ara, 2001
Labidocera spp.	DW = 1.666 x 10^{-8} x $L^{2.837}$	Ara, 2001
Macrosetella gracilis	ln DW = 2.52 x ln L x 16.03	Webber and Roff, 1995
Microsetella norvegica	Log_{10} DW = 3.26 × Log_{10} TL - 8.51	Nakajima *et al.*, 2017
Microsetella rosea	Log_{10} DW = 3.26 × Log_{10} TL - 8.51	Nakajima *et al.*, 2017
Oithona hebes	DW = 3.405 x 10^{-10} x $L^{3.643}$	Ara, 2001
Oithona nana	Log_{10} DW = 1.10 x ln L - 7.07	Chisholm and Roff, 1990
Oithona oswaldocruzi	DW = 2.513 x 10^{-11} x $L^{4.113}$	Ara, 2001
Oithonidae (others)	ln DW = 1.10 x ln L - 7.07ln DW = 1.10	Chisholm and Roff, 1990
Paracalanus nanus	ln DW = 2.78 x ln L - 16.52	Webber and Roff, 1995
Paracalanus parvus	ln DW = 2.78 x ln L - 16.52	Webber and Roff, 1995
Paracalanus quasimodo	DW = 6.829 x 10^{-11} x $L^{3.871}$	Ara, 2001
Paracalanus spp.	ln DW = 2.78 x ln L - 16.52	Webber and Roff, 1995
Parvocalanus crassirostris	DW = 1.945 x 10^{-7} x $L^{2.582}$	Ara, 2001
Pseudodiaptomidae	DW = 1.306 x 10^{-9} x $L^{3.361}$	Ara, 2001
Temora stylifera	ln WW = 2.057 x log L - 4042	Shmeleva, 1965
Temora turbinata	ln DW = 3.34 x ln L - 19.59	Chisholm and Roff, 1990
Tisbidae	Log_{10} DW = 3.26 × Log_{10} TL - 8.51	Nakajima *et al.*, 2017

Source: the author, 2020

2.5 FEEDING STRATEGIES

For each family of Copepoda, their main correspondent feeding behavior was assessed (Table 02; Benedetti et al., 2016; Boxshall & Halsey, 2004; Green, Harris, & Duncan, 1992; Mauchline, 1998; Nakajima et al., 2014; Pinto, Souza-Santos, & Santos, 2001; Poulsen & Iversen, 2008; Rieper, 1982). Copepods can behave as herbivores, carnivores, detritivores and/or omnivores (Benedetti et al., 2016; Nakajima et al., 2014). The abundance and biomass of omnivores were split between carnivore (50%) and herbivore (50%), as suggested by Nakajima et al. (2014). For families with mixed feeding behavior (e.g. Omnivore-herbivore), the abundance and biomass was first split between main feeding behaviors and then the omnivores were split as explained above.

TABLE 02: FEEDING BEHAVIOR OF COPEPOD FAMILIES.

All nauplii	Herbivore and detritivore	Green, Harris and Duncan, 1992; Mauchline, 1998; Poulsen and Iversen, 2008; Nakajima, 2014
Calanoida		
Paracalanidae	Omnivore-herbivore	Nakajima, 2014; Benedetti, 2016
Eucalanidae	Omnivore	Benedetti, 2016
Clausocalanidae	Omnivore-herbivore	Boxshall and Halsey, 2004; Nakajima, 2014; Benedetti, 2016
Centropagidae	Omnivore-herbivore	Nakajima, 2014; Benedetti, 2016
Pseudiaptomidae	Herbivore	Nakajima, 2014; Benedetti, 2016
Temoridae	Omnivore-herbivore	Nakajima, 2014; Benedetti, 2016
Pontellidae	Carnivore	Boxshall and Halsey, 2004; Benedetti, 2016
Acartiidae	Omnivore-herbivore	Boxshall and Halsey, 2004; Nakajima, 2014; Benedetti, 2016
Cyclopoida		
Oithonidae	Omnivore	Nakajima, 2014; Benedetti, 2016
Oncaeidae	Omnivore-detritivore	Boxshall and Halsey, 2004; Benedetti, 2016
Corycaeidae	Carnivore	Boxshall and Halsey, 2004; Benedetti, 2016
Harpacticoida		

	Omnivore-detritivore	Nakajima, 2014; Benedetti, 2016
Ectinosomatidae		
Miraciidae	Omnivore-herbivore	Nakajima, 2014; Benedetti, 2016
Tachidiidae	Omnivore-herbivore	Nakajima, 2014; Benedetti, 2016
Tisbidae	Omnivore	Rieper, 1982; Pinto, 2001

Source: the author, 2020

2.6 DATA ANALYSIS

There was used a t test (when data is parametric; otherwise, the Mann-Whitney test was used) to analyze the first-order (non-interactive) effects of multiple independent variables: spatial (Estuarine plume *vs*. Reef area), seasonal (dry *vs.* wet), and time of day (day *vs.* night) on response variables: (1) total abundance and biomass of microzooplankton and (2) total abundance and biomass of mesozooplankton. The normality of the data was investigated through the Shapiro-Wilk test and the heterogeneity of variances was verified by the Levene test. When necessary, the data were Log (x+1) transformed. Parametric statistical analysis followed Zar (1996).

The structure of copepod assemblages was described using the diversity index (Margalef’s richness index (*d′*) and Shannon-Wiener diversity index (H′)). Multivariate procedures included: (i) Permutational Multivariate analysis of variance (PERMANOVA) (Anderson, 2001; Mcardle and Anderson, 2001), which was performed (with 999 permutations) based on the dissimilarity of Bray-Curtis (data transformed with fourth root). This analysis was used to determine whether there were significant differences in the structure of the micro- and mesozooplankton community between the spatial, seasonal factors and time of day. The Monte Carlo P values were used for all analyses, and 9.999 random permutations were tested. In case of significant differences, a pairwise test (the multivariate version of the t statistic) between different levels of significant factor(s) was performed. The significance of the PERMANOVA was assessed by the P value. Only species that showed more than 2% of relative abundance were considered in this analysis; (ii) Multi-dimensional scaling (MDS), which was used to represent the Bray-Curtis matrix graphically in a two axis space (Sarmento and Santos, 2012); (iii) In case of significant differences, SIMPER (Similarity of percentages) test was used to identify the taxa that contributed most to the dissimilarity between the groups.

The copepods' feeding behavior data were expressed as percentages for herbivore, carnivore, omnivore and detritivore, according to data obtained from section 2.4.

The Shannon-Wiener index, SIMPER analysis, MDS and PERMANOVA were applied using the software Primer_v.6 and R version 3.5.3. The t test (and in case of a Mann-Whitney test) was calculated using the software STATISTICA 7.0 and R version 3.5.3. The level of significance was set at $p < 0.05$ for all analyses.

3 RESULTS

3.1 ENVIRONMENTAL FACTORS

The mean in precipitation was 152 ± 121 mm throughout the period between March of 2018 and June of 2019, and ranged from 7 mm (October 2018) to 432 mm (April 2018) (Fig 2). The wet period presented a mean in precipitation of the order of 205 ± 119 mm (40 to 432 mm), whereas the dry period presented 64 ± 55 mm (7 to 135 mm) (Fig 2). Their values are of distinct seasonal periods ($p<0.05$).

All variables were tested and no significant differences were detected (Fig 02; $p>0,05$), suggesting a homogeneous condition between estuarine plume and reef areas for diurnal samples. The mean depth at the estuarine plume region was 1.98 ± 0.42 m (ranging from 1.70 to 2.70 m), whereas the depth at the reef region averaged 2.27 ± 0.47 m (ranging from 1.60 to 2.80 m). The sea-surface temperature was 27.98 ± 0.76 °C at the estuarine plume, ranging from 26.91 to 29 °C. Over the reef the sea-surface temperature was also 27.98 ± 0.50 °C, but ranged from 27.28 to 28.64 °C. The values for salinity were 28.59 ± 4.33 (ranging from 23.70 to 34.60) at the estuarine plume, and 32.90 ± 1.60 (ranging from 31.50 to 35.50) over the reef. The estuarine plume presented 27.53 ± 2.77 g L^{-1} of total dissolved solids (from a minimum of 24.36 g L^{-1} to a maximum of 31.50 g L^{-1}), whereas the reef area showed 30.44 ± 1.06 g L^{-1} (29.50 to 32.20 g L^{-1}). For dissolved oxygen, the estuarine plume showed 5.81 ± 1.24 mg L^{-1} (4.11 to 7.42 mg L^{-1}) and the reef, 6.23 ± 1.68 mg L^{-1} (ranging from 4.45 to 8.16 mg L^{-1}). The pH was 7.75 ± 0.41 (7.19 to 8.29) at the estuarine plume area and 7.86 ±0.46 (ranging from 7.28 to 8.51) at the reef region.

On the other hand, when comparing the day and night samples in the reef area, variables such as salinity, total dissolved solids, and pH were different from each other

($p<0.05$). Salinity was 32.90 ± 1.50 during the day, whereas its nocturnal value was 31.65 ± 0.40. Total dissolved solids during the day presented a mean value of the order of 30.43 ± 0.99 g L^{-1}, whereas during the night it was 29.60 ± 0.32 g L^{-1}. The pH showed a mean value of 7.85 ± 0.43 during the day, and 6.96 ± 1.02 during the night. In regards to the seasonal periods, only the sea-surface temperature presented values different from each other ($p<0.05$). Its mean value in the dry period was 32.38 ± 1.94, compared to 32.20 ± 0.52 in the wet season.

3.2 SPECIES COMPOSITION

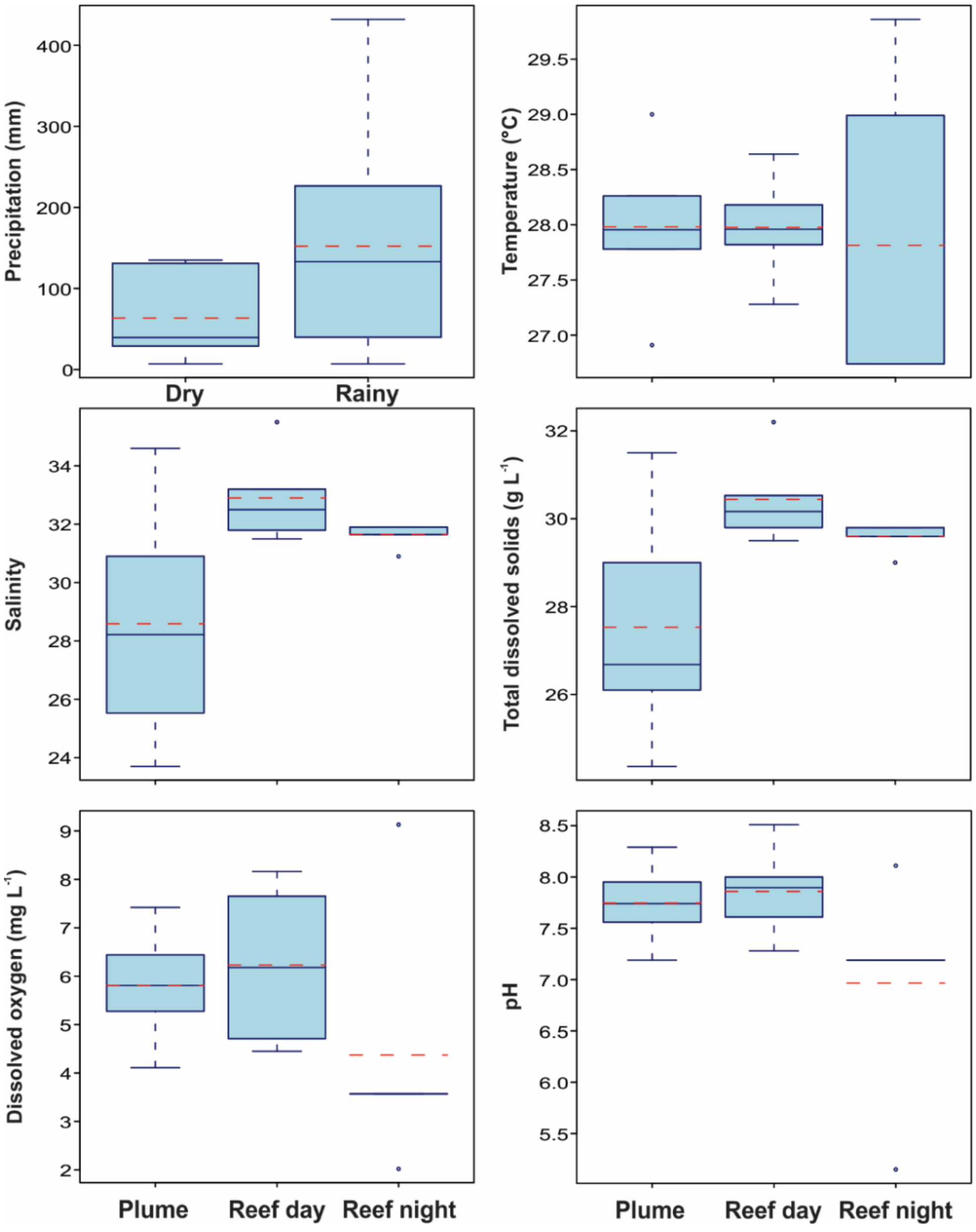
There were found 71 taxa, dominated by Copepoda (40 taxa). Heterotrophic protists were Dinoflagellata, Tintinnina, Foraminifera, and Radiozoa. The metazoan groups were Cnidaria (others), Hydrozoa, Siphonophorae, Gastropoda, Bivalvia, Polychaeta, Bryozoa, Nematoda, Cirripedia, Cladocera, Ostracoda, Copepoda, Amphipoda, Isopoda, Euphausiacea, Stomatopoda, Decapoda, Pycnogonida, Echinodermata, Chaetognatha, Appendicularia, Ascidiacea and Teleostei. Copepoda was represented by four orders and 24 species: Calanoida (Eucalanidae, Clausocalanidae, Centropagidae, Pseudodiaptomidae, Temoridae, Paracalanidae, Pontellidae and Acartiidae), Canuelloida (Longipediidae), Cyclopoida (Oithonidae, Oncaeidae and Corycaeidae) and Harpacticoida (Ectinosomatidae, Miraciidae, Tisbidae and Tachidiidae).

3.3 COPEPODA’S DIVERSITY AND EQUITABILITY

The microzooplankton revealed a diversity of 1.36 bits ind^{-1} at the plume area, 1.45 bits ind^{-1} at the reef during the day and 1.50 bits ind^{-1} at the reef during the night (Fig 03). For the mesozooplankton, the diversity at the plume area was 1.00 bits ind^{-1}. The reef area showed a diversity of 1.32 and 1.29 bits ind^{-1}, during the day and the night, respectively. The equitability of the community at the plume area for the microzooplankton was 0.79. The reef area presented an equitability of 0.85 during the day and 0.67 during the night. For the mesozooplankton, the equitability at the plume area was 0.53. Over the reef, mesozooplankton’s equitability was 0.66 during the day and 0.63 during the night. No statistical differences ($p>0.05$) resulted in any distinction observed amongst the diversity and equitability between plume and reef during the day nor between reef during the day and the night.

FIGURE 02: ENVIRONMENTAL VARIABLES PER STATION/DAY-TIME. PRECIPITATION, TEMPERATURE, SALINITY, TOTAL DISSOLVED SOLIDS, DISSOLVED OXYGEN AND PH. THE LINE

OVER EACH BOXPLOT REPRESENTS THE MEDIAN VALUE, WHILE THE DASHED LINE SETS THE MEAN VALUE. THE SCALES ARE SPECIFIC FOR EACH PLOT.



Source: the author, 2020

3.4 TOTAL ABUNDANCE (IND. M^{-3}) AND BIOMASS (μGC M^{-3}) OF MICROZOOPLANKTON

The plume area showed an abundance (114961 ± 131731 ind. m^{-3}) three times greater than the reef area (40640 ± 65020 ind. m^{-3}; Fig 03). The most abundant group was Copepoda (95% on both locations), followed by Tintinnina (2%) in the plume and Gastropoda veligers on reef (2%) (Fig 04). Although there was not found any spatial effect on abundance ($p>0,05$), the numeric values signalize an important plume contribution. Over the reef, nocturnal zooplankton was 36328 ± 46290 ind. m^{-3} ($p>0.05$). During the night, the dominant groups were Copepoda (89%), followed by Tintinnina (3%), Foraminifera (2%) and Cnidaria (2%). Considering seasonal periods, the zooplankton abundance in the rainy season presented 80385 ± 110588 ind. m^{-3} compared to 39364 ± 45913 ind. m^{-3} in the dry season ($p>0.05$). Copepoda was abundant on both periods (94% and 93%, respectively), followed by Tintinnina (2%) in the wet season as well as Cnidaria (others) (2%) in the dry season.

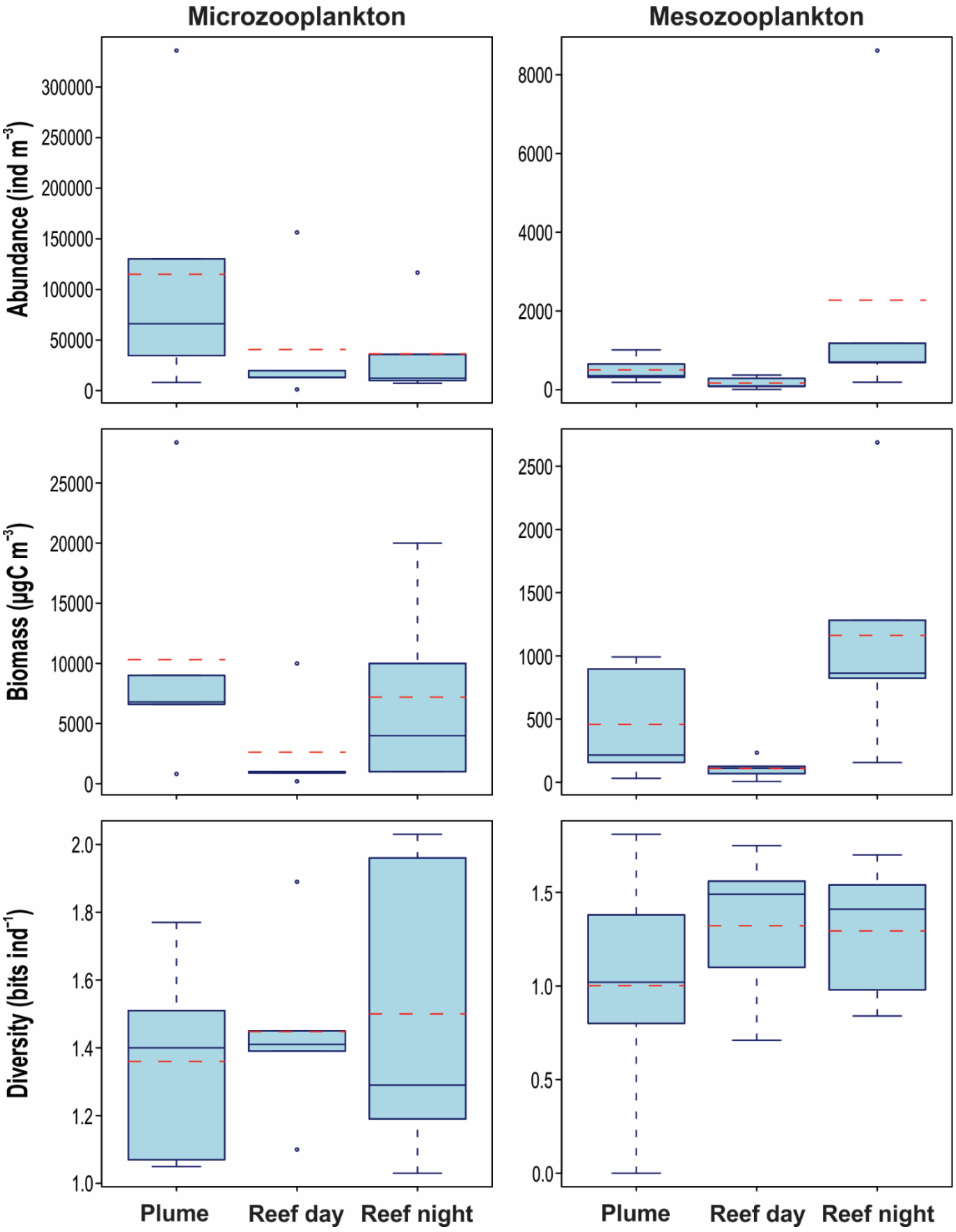
The biomass at the estuarine plume area (10321 ± 10539 µgC m^{-3}) was four times greater than the reef area during the day (2873 ± 4459 µgC m^{-3}) (Fig 03). During the night, the biomass was three times greater than the day (7477 ± 8822 µgC m^{-3}). Copepodites of Oithonidae (23%) most represented the community biomass at the plume, followed by Acartiidae nauplii (12%), *Paracalanus quasimodo* (9%), copepodites of Paracalanidae (9%), and Clausocalanidae-Paracalanidae nauplii (9%) (Fig 04). At the reef region during the day, copepodites of Oithonidae (22%) most represented the community biomass as well, followed by Longipediidae nauplii (18%), Paracalanidae-Clausocalanidae nauplii (12%) and copepodites of Tachidiidae (9%). During the night, *Dioithona oculata* (33%) most represented the biomass of copepods. According to the seasonal periods, copepod biomass was two times greater in the rainy season (8278 ± 10274 µgC m^{-3}) than in the dry season (4809 ± 4208 µgC m^{-3}) ($p > 0.05$). Copepodites of Oithonidae (19%) were the most representative group in the wet season in regards to the biomass, and were followed by *Dioithona oculata* (14%), Paracalanidae-Clausocalanidae nauplii (10%), and copepodites of Tachidiidae (9%). In the dry season, the most representative group of the copepod biomass was Acartiidae nauplii (18%), followed by *Paracalanus quasimodo* (16%) and *Dioithona oculata* (15%). The multivariate analysis revealed that there are no differences regarding the spatial (PERMANOVA, pseudo-F = 1.44, $p >0.05$) and temporal factors (PERMANOVA, pseudo-F = 0.64, $p>0.05$). The MDS plots show the homogeneity of the community (Fig 05), though there is a slight separation of groups on reef between day and night.

3.5 TOTAL ABUNDANCE (IND. M^{-3}) AND BIOMASS (µGC M^{-3}) OF MESOZOOPLANKTON

The estuarine plume area presented an abundance (507 ± 332 ind. m^{-3}) three times greater than the reef area during the day (172 ± 153 ind. m^{-3}) (Fig 03). Copepoda was the most dominant group (80% and 71%, respectively), followed by such groups as Brachyura (9% and 2%, respectively), Cirripedia (2% and 9%, respectively), and Appendicularia (4% and 6%, respectively) as well as fish larvae (9%) over the reef. At night the zooplankton abundance was of the order of 2277 ± 3560 ind. m^{-3}, which was 13 times greater than the day. The dominance was with Copepoda (91%), followed by Appendicularia (2%). The rainy and dry seasons showed abundances of the order of 1390 ± 2740 and 379 ± 246 ind. m^{-3}, respectively, which represents 3.5 times the rainy over the dry season. Copepoda was also abundant on both seasons (90% and 77%, respectively), followed by Brachyura (2%) and Appendicularia (2%) in the rainy season, and these respective groups (2% and 6%, respectively) together with Cirripedia (3%) and fish eggs (3%) on the dry season.

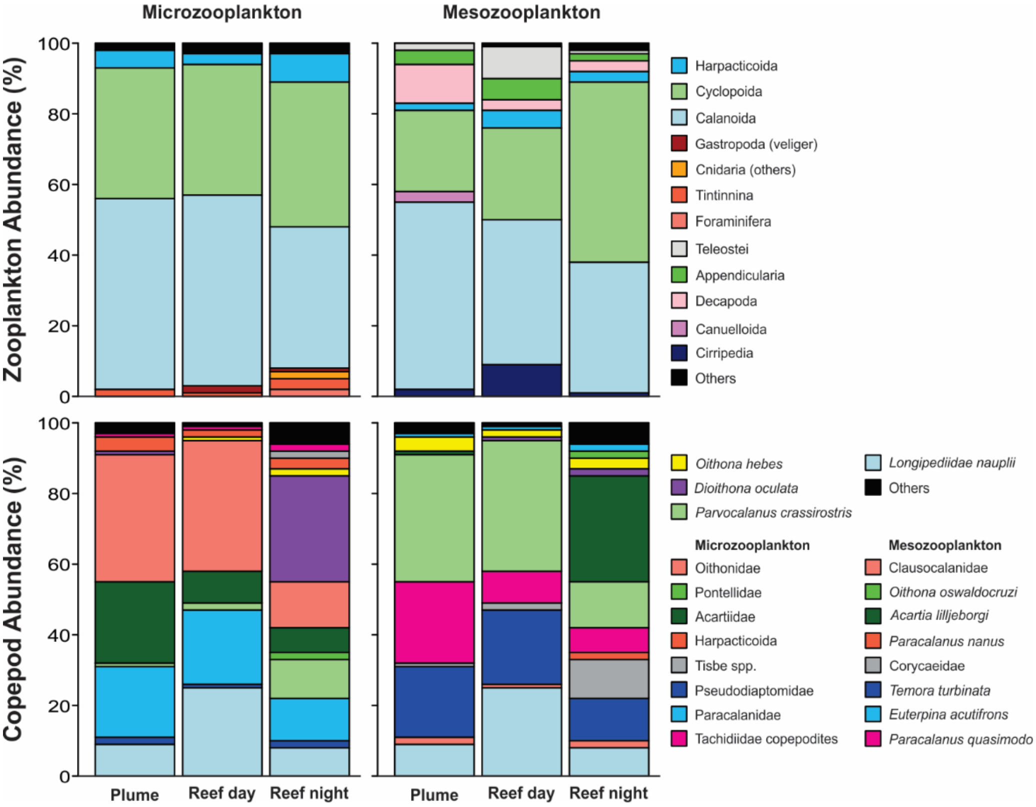
The biomass of copepods (Fig 03) at the estuarine plume area (458 ± 450 µgC m^{-3}) was four times greater than the reef region (109 ± 83 µgC m^{-3}). In contrast, biomass during the night was eleven times greater than the day (1162 ± 943 µgC m^{-3}) ($p>0.05$). *Paracalanus quasimodo* (62%) were found at the estuarine plume and *Acartia lilljeborgi* (29% and 35%) at the reef during the day and during the night, respectively. *Acartia lilljeborgi* represented 9% of the biomass at the plume area besides the species previously cited. The reef presented some other species/family with a biomass representation, which were *Paracalanus quasimodo* (14%), Pontellidae (12%), and Clausocalanidae (10%). During the night, *Dioithona oculata* represented 15% of the community biomass besides the species previously cited. According to the pluviometric seasons, the rainy season presented a biomass 1.6 times greater (678 ± 1401 µgC m^{-3}) than the dry season (424 ± 692 µgC m^{-3}) ($p > 0.05$). *Acartia lilljeborgi* (27%) most represented the biomass in the wet season and was followed by *Dioithona oculata* (15%) and *Paracalanus quasimodo* (11%). The dry season presented *Paracalanus quasimodo* (45%) as the most representative species in terms of biomass, followed by *Acartia lilljeborgi* (29%). The multivariate analysis demonstrated that there are no differences amongst the mesozooplankton considering the spatial (PERMANOVA, pseudo-$F = 0.58$, $p > 0.05$) and temporal factors (PERMANOVA, pseudo-$F = 1.74$, $p > 0.05$). The MDS plots demonstrate the homogeneity of the community (Fig 05).

FIGURE 03: ABUNDANCE (IND. M^{-3}), BIOMASS (µGC M^{-3}), AND DIVERSITY (BITS IND^{-1}) OF MICROZOOPLANKTON AND MESOZOOPLANKTON AT THE PLUME AREA AND AT THE REEF AREA DURING THE DAY AND NIGHT. THE SCALES ARE PROPER FOR EACH PLOT.



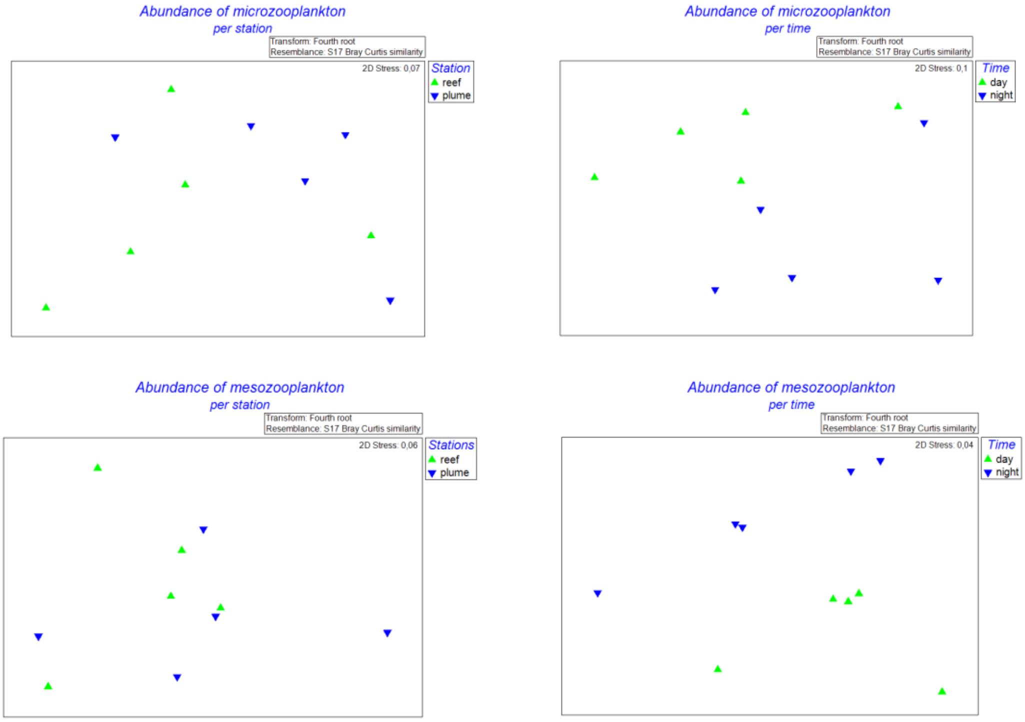
Source: the author, 2020

FIGURE 04: RELATIVE ABUNDANCE OF MESOZOOPLANKTON AND MICROZOOPLANKTON AT THE PLUME AREA AND REEF AREA. ABUNDANCE IS REPRESENTED ON THE LEFT AND BIOMASS ON THE RIGHT.



Source: the author, 2020

FIGURE 05: MDS PLOTS FOR MICROZOOPLANKTON AND MESOZOOPLANKTON ACCORDING TO THE STATIONS (REEF AND PLUME) AND THE TIME AT THE REEF STATION (DAY AND NIGHT). MICROZOOPLANKTON IS REPRESENTED ON THE TOP, AND THE MESOZOOPLANKTON BELOW.



Source: the author, 2020

3.6 COPEPODA’S FEEDING BEHAVIOUR

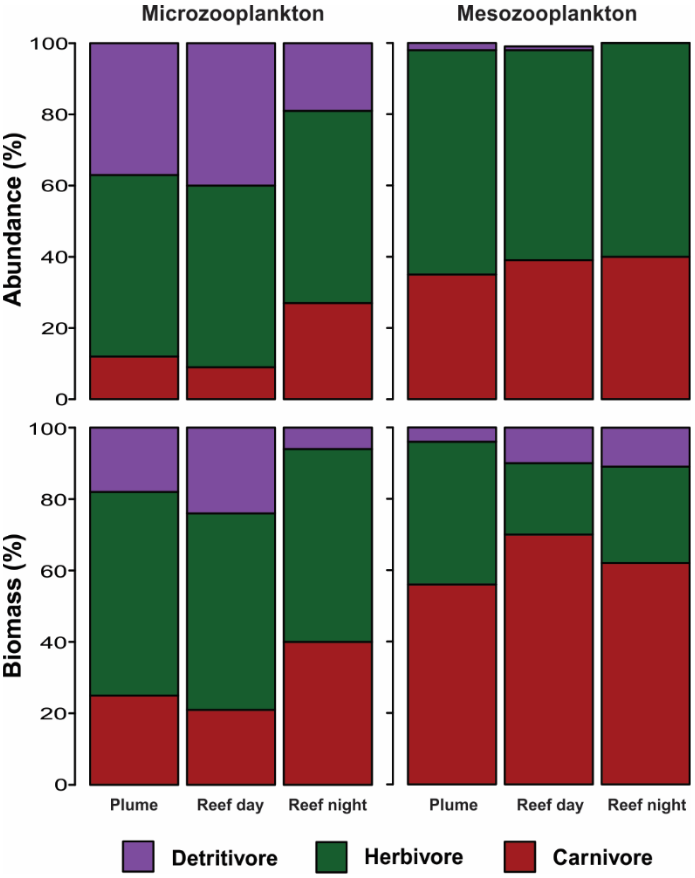
Copepods were represented by carnivores (Pontellidae and Corycaeidae), herbivores (Pseudodiaptomidae, Tisbidae, and all nauplii), omnivores (Paracalanidae, Subeucalanidae, Clausocalanidae, Centropagidae, Temoridae, Acartiidae, Oithonidae, Oncaeidae, Ectinosomatidae, Miraciidae, and Tachidiidae), and some omnivores with such a predominantly detritivore behaviour (Ectinosomatidae and Oncaeidae). The microzooplankton showed an abundance of carnivores, herbivores and detritivores of 14%, 51% and 35%, respectively, whereas the mesozooplankton appeared with 39%, 60% and 1%, respectively (Fig 06). Concerning their biomass, the microzooplankton presented 30%, 55% and 15% for carnivores, herbivores and detritivores, respectively. In contrast, the biomass of the groups for mesozooplankton were 61%, 30% and 9%, respectively (Fig 6).

The microzooplankton abundance at the plume area showed 12% were carnivores (> Oithonidae Copepodites), 51% herbivores (> Acartiidae nauplii) and 37% detritivores (> Acartiidae nauplii). In contrast, the reef area during the day presented 9% of carnivores (> Oithonidae Copepodites), 51% herbivores (> Longipediidae nauplii), and 40% detritivores (> Longipediidae nauplii). This pattern changes during the night when the microzooplankton abundance reveals 27% of carnivores (> *Dioithona oculata*), 54% herbivores (> *Dioithona oculata*), and 19% detritivores (> Paracalanidae-Clausocalanidae nauplii). In regard to the microzooplankton biomass at the plume, 25% were carnivore (> Oithonidae Copepodites), 57% herbivore (> Oithonidae Copepodites), and 18% detritivore (ANMC). During the day at the reef, 21% of the community biomass were carnivore (> Oithonidae Copepodites), 55% herbivore (> Oithonidae Copepodites) and 24% detritivore (> Longipediidae nauplii). However, during the night, the representation of the groups were 40% (> *Dioithona oculata*), 54% (> *Dioithona oculata*) and 6% (> Pontellidae nauplii), respectively.

For the mesozooplankton abundance at the plume, 35% were carnivore (> *Paracalanus quasimodo*), 63% were herbivore (> *Paracalanus quasimodo*) and 2% were detritivore (> Longipediidae nauplii), and at the reef during the day, the carnivores totalled 39% (> *Dioithona oculata*), the herbivores, 60% (> *Dioithona oculata*), and the detritivores, 1% (> Oithonidae nauplii). The nocturnal sampling revealed 40% were carnivores (> *Dioithona oculata*), 60% were herbivores (> *Dioithona oculata*) and a considerably small amount were detritivores (> Oncaeidae). In terms of the biomass of mesozooplankton, the plume appeared with 56% of carnivores, 40% of herbivores and 4% of detritivores (whose groups most contributing are the same for abundance). During the day, the mesozooplankton biomass was represented by 69% of carnivores (> *Acartia lilljeborgi*), 20% of herbivores (> *Acartia lilljeborgi*) and 11% of detritivores (> Pontellidae nauplii). In the night the biomass was represented by 63% of carnivores (> *Acartia lilljeborgi*), 27% of herbivores (> *Acartia lilljeborgi*) and 10% of detritivores (> Oncaeidae).

According to the pluviometric seasons, the microzooplankton abundance at the wet period was represented by 15% of carnivores (> Oithonidae Copepodites), 52% of herbivores (> Paracalanidae-Clausocalanidae nauplii), and 33% of detritivores (> Paracalanidae-Clausocalanidae nauplii). The dry period revealed 11% of carnivores (> Oithonidae Copepodites), 51% of herbivores (> Acartiidae nauplii) and 38% of detritivores (> Acartiidae nauplii). Regarding the microzooplankton biomass, at the wet period carnivores totalized 28% (> Oithonidae Copepodites), herbivores, 57% (> Oithonidae Copepodites), and detritivores, 15% (> Paracalanidae-Clausocalanidae nauplii), whereas the dry period presented carnivores with 53% (> *Dioithona oculata*), herbivores, 42% (> *Dioithona oculata* and Acartiidae nauplii), and detritivores with 5% (> Acartiidae nauplii). Besides, the mesozooplankton abundance at the wet period presented 39% of carnivores (> *Dioithona oculata*), 60% of herbivores (> *Dioithona oculata*), and 1% of detritivores (> Longipediidae nauplii), whereas the dry period showed 38% of carnivores (> *Paracalanus quasimodo*), 62% of herbivores (> *Paracalanus quasimodo*) and a considerably small amount of detritivores (> Oncaeidae). Regarding their biomass, mesozooplankton at the wet period showed 59% of carnivores (> *Acartia lilljeborgi*), 31% of herbivores (> *Acartia lilljeborgi*), and 10% of detritivores (> Oncaeidae), whereas at the dry period the group demonstrated 65% of carnivores (> *Paracalanus quasimodo*), 30% of herbivores (> *Paracalanus quasimodo*), and 5% of detritivores (> Oncaeidae).

FIGURE 06: RELATIVE ABUNDANCE OF CARNIVORE, HERBIVORE AND DETRITIVORE IN REGARD TO THEIR ABUNDANCE AND BIOMASS AT THE PLUME AND AT THE REEF REGION DURING THE DAY AND NIGHT.



Source: the author, 2020

4 DISCUSSION

The estuarine plume seems to comprise a source of zooplankton to the nearby reef system, demonstrated the contribution of typical estuarine families in the area (e.g., Paracalanidae, Acartiidae, Oithonidae, and their nauplii and copepodites). However, there was observed discrepancies amongst the zooplankton over the reef along the day, when nocturnal fauna appears to be higher in abundance at night. Among all planktonic organisms, Copepoda was the most abundant taxa in our study. This finding is similar to other studies done worldwide in environments such as reefs and estuaries (including plumes and fronts) (Cronin, Daiber, & Hulbert, 1962; Glynn, 1973; Hamner, Jones, Carleton, Hauri, & Williams, 1988; Kingsford & Suthers, 1994; Moore & Sander, 1976; Morgan, Robertis, & Zabel, 2005; Neumann-Leitão et al., 2018; Russell, Harrison, & Hunt, 1999; Suthers, Taggart, Kelley, Rissik, & Middleton, 2004; Zhou, Huang, Tan, Lian, & Li, 2015). Moreover, the most prevalent feeding behaviours of copepods were herbivory (> 55%) amongst omnivorous copepods.

Other groups were found together with the copepods on reefs, such as Gastropoda veligers, Brachyura, Cirripedia, Appendicularia and fish larvae. Veligers of Gastropoda are meroplanktonic molluscs that later migrate to the bottom of sand and rock habitats to start their settling. Additionally, they can serve as reef-builders, and contribute to the planktonic community as grazers (Vizzini, Colombo, Costa, & Mazzola, 2012). Brachyura, Cirripedia and fish larve are also meroplanktonic. Brachyura larvae are predators that prey on smaller zooplankton within estuarine food webs (Staton & Sulkin, 1991). Cirripedia nauplii prey on different sources of carbon with adults feeding) on corals especially (Achituv, Brickner, & Erez, 1997). These groups accompanied the copepods in abundance, revealing the contribution of estuarine plumes as exporters, not only of organic matter but also of planktonic fauna, to nearby reefs.

The microzooplanktonic copepods demonstrate that the reef and plume contain similar groups. Although some groups demonstrate similar abundances regarding plume and reef (*Oithona hebes*, *Parvocalanus crassirostris*, and Longipediidae nauplii, for instance), some others indeed decreased their abundances (*Dioithona oculata*, copepodites of Oithonidae, Harpacticoida nauplii, Acartiidae nauplii, Oithonidae nauplii, Paracalanidae-Clausocalanidae nauplii, and Pseudodiaptomidae nauplii, for instance). Accordingly, the mesozooplanktonic copepods demonstrated the same tendency as microzooplankton (except Eucalanidae, which was found only on reefs): the copepod groups decreased their abundances as long as the waters reached the reefs. The estuarine influence on the reefs can be observed in two ways: (1) reef composition with typically estuarine species, and (2) higher abundance and biomass than other reefs far from the coast. The species within Oithonidae and Paracalanidae as well as their nauplii and copepodites are found abundantly in estuaries.

Oithona hebes, *Parvocalanus crassirostris* and Longipediidae can be found in estuaries, the former two being very abundant in these waters (Chew & Chong, 2011; Costa, Atique, Costa, & Pereira, 2011; Torres-Sorando, Zacarias, Roa, & Rodríguez, 2003). Longipediidae is a migrant oceanic family, hence their nauplii enjoy the estuarine waters for development (Chew & Chong, 2011). It is not surprising to find these groups on the reef due to the presence of the plume extending out to the reef. Groups that are more estuarine-dependent (*Dioithona oculata* and copepod nauplii) then decrease in abundance, which may reveal the near-ending of the plume. In other words, the influence of the plume may demonstrate a gradient from the estuary mouth towards the reef from a high estuarine influence at the estuary mouth to a low influence reaching the reefs.

As a matter of fact, the estuary is considered a way through which continental waters pass towards the ocean. As a result, it carries a significant amount of nutrients and organic matter washed from their tributaries and mangrove habitats. These nutrients foster the phytoplankton’s primary productivity, which is the main source of carbon for copepods. Chew & Chong (2011) concluded that the main structuring parameters of the copepod community of estuaries and coastal waters are salinity and chlorophyll a. Furthermore, copepod biomass at the estuarine plume was dominated by estuarine species, some of which are also found in coastal waters (*Paracalanus quasimodo*, for example). Copepods may also be served with terrigenous sources of carbon as such demonstrated by Hu et al. (2015). These results may demonstrate the contribution of estuaries to occidental coasts of the oceans.

Interestingly, Longipediidae nauplii and copepodites of Tachidiidae (*Euterpina acutifrons*) peaked their biomass on the reef. Longipediidae is of oceanic origin which goes to estuaries to feed and breed. Moreover, Longipediidae can be found dwelling on the bottom of reef habitats (Fiers, 1984). This group can be found among the demersal zooplankton as well (Melo et al., 2010; Robichaux, Cohen, Reaka, & Allen, 1981). It is important to note that *Euterpina acutifrons* is an holoplanktonic, natant fauna (Coull & Vernberg, 1970). However, their nauplii and copepodites were abundantly found on the reef region. It may likely demonstrate the ongoing contribution of the plume to maintain estuarine conditions for the development of some planktonic fauna.

Our biomass data resembles that obtained in other coastal reef environments (Hamner & Carleton, 1979; Heidelberg, Sebens, & Purcell, 2004; Heidelberg, O’Neil, Bythell, & Sebens, 2010; McKinnon, Duggan, & De’ath, 2005; Nakajima et al., 2014; Roman, Furnas, & Mullin, 1990). Copepods tend to demonstrate relatively low biomass estimates over the reefs, but not as low as the estimates far from the coast (Nakajima, Yoshida, Othman, & Toda, 2008). Nonetheless, the plume indeed demonstrates higher biomasses than the reef itself. Thus, the ongoing contribution of the plume can be observed as a source of zooplankton biomass, mainly those of the families Paracalanidae, Acartiidae, Oithonidae and Longipediidae, whose abundances and biomass were similar and/or higher on reefs in comparison to the plume.

Herbivory species abundance was similar between plume and reef and was the most representative group in both places. According to the study of Putland & Iverson (2007), estuarine planktonic food web is most characterized by a microbial food web rather than the classical food web (phytoplankton-copepod-fish), i.e. smaller zooplankters feed upon the phytoplankton, which presents higher biomasses in estuaries and coastal waters. In our study, nauplii were the main representative fauna for herbivory, in addition to *Paracalanus quasimodo* and *Dioithona oculata* copepodites. However, it is common for calanoid copepods to present an omnivorous feeding behaviour, feeding on smaller nauplii and zooplankters especially. This function gives them advantages over other groups for the acquisition of energy (Gifford & Dagg, 1988).

Mesozooplankton and microzooplankton also showed distinct abundance and biomass values from each other, the former being less abundant in the areas studied. Following Figueirêdo et al. (2018), the present paper studied both meso- and microzooplankton together, due to biases in juveniles and adults concentrations. Moreover, carnivory is more represented by the highest animals, which demonstrate a more predominant omnivore behaviour. Additionally, nauplii are considered to be omnivore-detritivore for they can also serve as faecal pellets feeders. This gives them another source of energy, together with phytoplankton (Green et al., 1992; Mauchline, 1998; Nakajima et al., 2014; Poulsen & Iversen, 2008). It is then observed that a more predominant detritivore behaviour occurs within the microzooplankton than the mesozooplankton. This is most likely due to the high abundance of nauplii in the smaller zooplanktonic group, which present a variety of feeding behaviours and could prey on both phytoplankton, protozooplankton (e.g. ciliates) and faecal pellets (Kiorboe, 1998). Importantly, the smaller and greater copepods are a food source for other higher-taxa, such as gelatinous zooplankters and fish larvae (Sun, Huo, & Yang, 2010; Turner, 2004a).

Thus, our results confirms the findings of Putland & Iverson (2007). These authors observed that herbivory is indeed an advantage for coastal microzooplankton, and this is due primarily to phytoplankton abundance, whose community takes advantage from the nutrients that come up from estuaries. However, studies with the phytoplankton abundance and biomass in contrast to potential secondary producers should be performed. Moreover, Turner (2004b) highlighted that smaller zooplankton are abundant at sea due to their wide range of feeding strategies, i.e. the presence of an omnivore state gives advantages to copepods. Amongst these advantages are the consumption of both phytoplankton and microbial fauna including nauplii (Gifford & Dagg, 1988). Indeed, carnivory is much more represented within mesozooplankton in terms of biomass. This is also described by Zöllner, Hoppe, Sommer, & Jürgens (2009), who demonstrated mesozooplankton to be predators not only on phytoplankton but on smaller zooplankters as ciliates, for example. The authors also discuss trophic web views, as to not only consider the classical food web (phytoplankton-copepod-fish). Rather, the microbial food web should also be a factor to be taken into consideration.

This indicates the contribution of reef fauna to the nocturnal zooplankton biomass. In terms of what Heidelberg et al. (2004) discussed, the holoplanktonic fauna are potentially a source of energy to reefs. Moreover, out of these eight taxa, five potentially contribute to herbivory, including *P. parvus, P. acutus, T. turbinata*, and *Tisbe* spp., of which *P. acutus* exclusively feed on primary producers. In contrast, the mesozooplanktonic nocturnal groups were the copepodites of Acartiidae, Corycaeidae and Temoridae, of which at least two taxa contribute to herbivory (Acartiidae and Temoridae).

The role in diel vertical migration (DVM) of zooplankton may follow two patterns: (1) predation avoidance and (2) food concentration, although environmental factors may also influence in certain ways (Liu, Sun, & Han, 2003). Within a food limiting body of water, copepods, for instance, can confront their predators in search for food. They can also stay afloat until they become satiated. Age can play a role in DVM, with adultsbeing more experienced in avoiding predation, moving upwards to feed on their prey and moving downwardsafter feeding is completed. Nakajima et al. (2008) demonstrated that DVM is the cause of a high abundance and biomass of zooplankton at night. In addition, Yahel, Yahel, Herman, Jaffe, & Genin (2005) found a 10 times-concentration of zooplankton at night in a coral reef habitat of Red Sea, suggesting the role of DVM in changing the attributes of plankton during the night (Kramer, Bellwood, & Bellwood, 2013).

Despite the dominant groups, *Dioithona oculata* and *Acartia lilljeborgi* most represented the biomass during the night. It is observed that these dominant estuarine species can occur in coastal waters as well, especially within reefs (Mckinnon & Duggan, 2014; Melo et al., 2010; Silva, Neumann-Leitão, Schwamborn, Gusmão & Silva, 2004). *D. oculata* can form swarms, which are big aggregations of the fauna (Ambler, Ferrari, Fornshell & Buskey, 1999; Melo et al., 2010), a behaviour that helps the species to survive in reef areas (Mckinnon & Duggan, 2014). The species was also found to be the dominant form of potential carnivory in the reef. Melo et al. (2010) affirmed the presence of demersal fauna on the coastal reefs of TB, such as *P. acutus, C. americana* and *D. oculata*. The presence of *A. lilljeborgi* with a higher biomass at night could be indicative of what Gifford & Dagg (1988) have stated. The study of marine copepods' feeding behaviour can reveal much of their importance to coral reefs worldwide. Whereas some take advantage of swarms to dwell within reefs, others are benefitted by their omnivore ability, hence contributing to the growth of reef-builders such as corals (Heidelberg et al., 2004).

It is paramount that climate influences the planktonic community, especially regarding the availability of resources to primary and secondary producers (Behrenfeld, 2014). Our findings demonstrate higher values of abundance and biomass within the rainy pluviometric period. The TB area is marked by an annually pluviometric regime of 2000 mm, most of which happens within the rainy season (Araújo et al., 2012). This likely contributes to the increase of nutrients in estuarine waters which adheres to what Rothlisberg & Jackson (1982) have discussed in their paper. Studying the planktonic community over the Gulf of Carpentaria in Australia (11–17.5°S) higher values of plankton biomass were found during the rainy period. The authors then emphasized the necessity of a hydrological study in the area to confirm the influence of nutrients on the planktonic community’s high biomass. In contrast, Silva, 2019 studied TB during two pluviometric seasons, and found low values of Chlorophyll a in the dry period hence the dry period was found to be food limiting. This demonstrates that environmental variables affect the zooplanktonic community, especially in the availability of food and other limiting resources.

Overall, our findings demonstrate the ongoing influence of the estuarine plume over the coastal reef area as a source of zooplankton to the reefs, which appear to present its proper community dynamics. Copepoda was the most abundant zooplanktonic taxa in the reefs and their omnivore ability was found to be the main cause of their distribution over reefs, however further laboratory studies should confirm this hypothesis. Therefore the reefs are a source of zooplankton to the coastal community,adhering to research by Melo et al. (2010) which found that reefs can also be a nursring place to many zooplankters. The attributes of a zooplanktonic community over coral reef ecosystems can reveal much of the health of these systems in times of the abundant anthropogenic actions we see over marine habitats nowadays. Nonetheless, despite the ability of coastal systems with estuaries nearby to present a more predominant detritivore food web, herbivory is the most important role of pelagic copepods in these areas.

5 ACKNOWLEDGEMENTS

We are very thankful to the Federal University of Pernambuco, especially to the Oceanography Department for the whole knowledge gained throughout these years. We also would like to thank all people from the Zooplankton Laboratory of UFPE and from Laboratório de Ecologia do Plâncton of UFRPE, who were involved in this study, We thank the National Council of Scientific and Technological Development – CNPq – for financing the “PELD Tamandaré Sustentável - Spatial and temporal dynamics of marine ecosystems: connectivity, resilience and sustainable use in Southern Pernambuco (441632/2016-5)” and Recifes Costeiros project (SOSMA-Fundação Toyota do Brasil) and we are so thankful to Centro de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Nordeste (CEPENE/ICMBio) for providing laboratory and accommodation. This work was supported by the National Council of Scientific and Technological Development of Brazil (grant number: 441632/2016-5).

6 REFERENCES

ACHITUV, Y.; BRICKNER, I.; EREZ, J. Stable carbon isotope ratios in Red Sea barnacles (Cirripedia) as an indicator of their food source. **Marine Biology**, 1997. v. 130, n. 2, p. 243–247.

AMBLER, J. W. *et al.* Diel cycles of molting, mating, egg sac production and hatching in the swarm forming cyclopoid copepod Dioithona oculata. **Plankton Biology and Ecology**, 1999. v. 46, n. 2, p. 120–127.

ARA, K. Length-weight relationships and chemical content of the planktonic copepods in the Cananeia Lagoon estuarine. **Plankton Boiology and Ecology**, 2001. v. 48, n. 2, p. 121–127.

ARAÚJO, M. De S. L. C. De; TENÓRIO, D. De O.; CASTIGLIONI, D. Da S. Diversity and distribution of the Crustacea Brachyura from the mangroves of Ariquindá and Mamucabas Rivers, South Coast of Pernambuco, Brazil. **Journal of Integrated Coastal Zone Management**, 2014. v. 14, n. 3, p. 483–499.

ARAÚJO, M. S. L. C.; CASTIGLIONI, D. S.; COELHO, P. A. Width-weight relationship and condition factor of Ucides cordatus (Crustacea, Decapoda, Ucididae) at tropical mangroves of Northeast Brazil. **Iheringia. Série Zoologia**, 2012. v. 102, n. 3, p. 277–284.

BEHRENFELD, M. J. Climate-mediated dance of the plankton. **Nature Climate Change**, 2014. v. 4, n. 10, p. 880–887.

BELLWOOD, D.R.; HUGHES, T. P.; NYSTRÖM, M. Confronting the coral reef crisis. **Nature**, 2004. v. 429, p. 827–833.

BENEDETTI, F.; GASPARINI, S.; AYATA, S. D. Identifying copepod functional groups from species functional traits. **Journal of Plankton Research**, 2016. v. 38, n. 1, p. 159–166.

BIBLE, J. M.; SANFORD, E. Local adaptation in an estuarine foundation species: Implications for restoration. **Biological Conservation**, 2016. v. 193, p. 95–102. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.biocon.2015.11.015>.

BJÖNBERG, T. K. S. Copepoda. **Boltovskoy, D. (ED.) Atlas del zooplankton del Atlántico Sudoccidental y métodos de trabajo con el zooplankton marino**. [S.l.]: Mar del Plata: INIDEP, 1981, p. 587–680.

BOLTOVSKOY, D. **South Atlantic Zooplankton**. Leiden, The Netherlands: Buckhuys Publishers, 1999.

BOXSHALL, G. A.; HALSEY, S. H. **An Introduction to Copepod Diversity**. 166. ed. London: The Ray Society, 2004.

BUTLER, J. R. A. *et al.* An analysis of trade-offs between multiple ecosystem services and stakeholders linked to land use and water quality management in the Great Barrier Reef, Australia. **Agriculture, Ecosystems and Environment**, 2013. v. 180, p. 176–191. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.agee.2011.08.017>.

CAMARGO, J. M. R. De *et al.* Morfologia da plataforma continental interna adjacente ao município de tamandaré, sul de pernambuco - Brasil. **Revista Brasileira de Geofisica**, 2007. v. 25, n. SUPPL. 1, p. 79–89.

CHEW, L. L.; CHONG, V. C. Copepod community structure and abundance in a tropical mangrove estuary, with comparisons to coastal waters. **Hydrobiologia**, 2011. v. 666, n. 1, p. 127–143.

CHISHOLM, L. A.; ROFF, J. C. Size-weight relationships and biomass of tropical neritic copepods off Kingston, Jamaica. **Marine Biology**, 1990. v. 106, n. 1, p. 71–77.

COSTA, R. M. DA *et al.* Seasonal and spatial variation in hydrological parameters and microzooplankton communities in an Amazonian Estuary. **Journal of Coastal Research**, 2011. n. SPEC. ISSUE 64, p. 1477–1481.

COULL, B. C.; VERNBERG, W. B. Harpacticoid copepod respiration: Enhydrosoma propinquum and Longipedia helgolandica. **Marine Biology**, 1970. v. 5, n. 4, p. 341–344.

COURRAT, A. *et al.* Anthropogenic disturbance on nursery function of estuarine areas for marine species. **Estuarine, Coastal and Shelf Science**, 2009. v. 81, n. 2, p. 179–190. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ecss.2008.10.017>.

CRONIN, L. E.; DAIBER, J. C.; HULBERT, E. M. Quantitative Seasonal Aspects of Zooplankton in the Delaware River Estuary. **Chesapeake Science**, 1962. v. 3, n. 2.

DAVID, V. *et al.* Estuarine habitats structure zooplankton communities: Implications for the pelagic trophic pathways. **Estuarine, Coastal and Shelf Science**, 2016. v. 179, p. 99–111.

DEEGAN, L. A.; GARRITT, R. H. Evidence for spatial variability in estuarine food webs. **Marine Ecology Progress Series**, 1997. v. 147, n. 1–3, p. 31–47.

FERREIRA, Beatrice Padovani; MAIDA, M.; CAVA, F. Características e perspectivas para o manejo da pesca na apa marinha costa dos corais. **Anais do II Cong. Bras. de Unidades de Conservação**, 2001. n. January, p. 50–58.

FIERS, F. Harpacticoida copepods from the west Indian islands: Canuellidae and Longipediidae (Copepoda, Harpacticoida). **BIJDRAGEN TOT DE DIERKUNDE**, 1984. v. 54, n. 2.

FIGUEIRÊDO, L. G. P. *et al.* Summer micro- and mesozooplankton from the largest reef system of the South Atlantic Ocean (Abrolhos, Brazil): Responses to coast proximity. **Journal of Sea Research**, 2018. v. 141, n. May, p. 37–46. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.seares.2018.08.002>.

FONTES, V. C. *et al.* **Reefs distribution and inter reef sedimentation on Tamandaré continental shelf, Northeast Brazil**. [S.l.]: Elsevier Inc., 2020.

GIFFORD, D. J.; DAGG, M. J. Feeding of the estuarine copepod Acartia tonsa Dana: carnivory vs. herbivory in natural microplankton assemblages. **Bulletin of Marine Science**, 1988. v. 43, n. 3, p. 458–468.

GLASBY, T. M.; GIBSON, P. T.; CRUZ-MOTTA, J. J. Differences in rocky reef habitats related to human disturbances across a latitudinal gradient. **Marine Environmental Research**, 2017. v. 129, p. 291–303. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.marenvres.2017.06.014>.

GLYNN, P. W. Ecology of a Caribbean Coral Reef. The Porites Reef-Flat Biotope: Part II. Plankton Community with Evidence for Depletion. **Marine Biology**, 1973. v. 21, n. 1, p. 1–21.

GREEN, E. P.; HARRIS, R. P.; DUNCAN, A. The production and ingestion of faecal pellets by nauplii of marine calanoid copepods. **Journal of Plankton Research**, 1992. v. 14, n. 12, p. 1631–1643.

HAMNER, W. M. *et al.* Zooplankton, panktivorous fish, and water currents on a windward reef face: Great Barrier Reef, Australia. **Bulletin of Marine Science**, 1988. v. 42, n. 3, p. 459–479.

______; CARLETON, J. H. Copepod swarms: Attributes and role in coral reef ecosystems. **Limnology and Oceanography**, 1979. v. 24, n. 1, p. 1–14.

HEIDELBERG, K. B.; SEBENS, K. P.; PURCELL, J. E. Composition and sources of near reef zooplankton on a Jamaican forereef along with implications for coral feeding. **Coral Reefs**, 2004. v. 23, n. 2, p. 263–276.

HEIDELBERG, Karla B. *et al.* Vertical distribution and diel patterns of zooplankton abundance and biomass at Conch Reef, Florida Keys (USA). **Journal of Plankton Research**, 2010. v. 32, n. 1, p. 75–91.

HIROTA, R. Dry weight and chemical composition of the important zooplankton in the Setonaikai (Inland Sea Japan). **Bulletin of Plankton Society of Japan**, 1981.

HU, S. *et al.* Molecular analysis of in situ diets of coral reef copepods: Evidence of terrestrial plant detritus as a food source in Sanya Bay, China. **Journal of Plankton Research**, 2015. v. 37, n. 2, p. 363–371.

ICMBIO. **Plano de manejo da APA Costa dos Corais**. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/apacostadoscorais/images/stories/plano_de_manejo/PM_APACC_2013_JANEIRO.pdf>.

JACKSON, J. M.; LENZ, P. H. Predator-prey interactions in the plankton: Larval fish feeding on evasive copepods. **Scientific Reports**, 2016. v. 6, n. September, p. 1–11. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1038/srep33585>.

KINGSFORD, M. J.; SUTHERS, I. M. Dynamic estuarine plumes and fronts: importance to small fish and plankton in coastal waters of NSW, Australia. **Continental Shelf Research**, 1994. v. 14, n. 5, p. 655–672.

KIORBOE, T. Population regulation and role of mesozooplankton in shaping marine pelagic food webs. **Hydrobiologia**, 1998. v. 363, p. 13–27.

KRAMER, M. J.; BELLWOOD, D. R.; BELLWOOD, O. Emergent fauna from hard surfaces on the Great Barrier Reef, Australia. **Marine and Freshwater Research**, 2013. v. 64, n. 8, p.

687–691.

LAMBERT, W. The Adaptive Significance of Diel Vertical Migration of Zooplankton. **Functional Ecology**, 1989. v. 3, n. 1, p. 21–27.

LIRA, L. *et al.* Material em suspensão, temperatura e salinidade no estuário do rio Mamucaba-PE. **Cad. Ômega Univ. Fed. Rural PE**, 1978. v. 2, n. 1, p. 97–116.

LIU, S. H.; SUN, S.; HAN, B. P. Diel vertical migration of zooplankton following optimal food intake under predation. **Journal of Plankton Research**, 2003. v. 25, n. 9, p. 1069–1077.

MAGRIS, R. A.; GIARRIZZO, T. Mysterious oil spill in the Atlantic Ocean threatens marine biodiversity and local people in Brazil. **Marine Pollution Bulletin**, 2020. v. 153, n. February, p. 110961. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.marpolbul.2020.110961>.

MAUCHLINE, J. **Advances in Marine Biology: The Biology of Calanoid Copepods**. [S.l.]: Academic Press, 1998. V. 33.

MCKINNON, A. D.; DUGGAN, S. Community Ecology of Pelagic Copepods in Tropical Coastal Waters. *In*: SEURONT, L. (Org.). **Copepods: Diversity, Habitat and Behavior**. [S.l.]: NOva Science Publishers, 2014.

MCKINNON, A. D.; DUGGAN, S.; DE'ATH, G. Mesozooplankton dynamics in nearshore waters of the Great Barrier Reef. **Estuarine, Coastal and Shelf Science**, 2005. v. 63, n. 4, p. 497–511.

MELO, P. A. M. C. *et al.* Demersal zooplankton communities from tropical habitats in the southwestern Atlantic. **Marine Biology Research**, 2010. v. 6, n. 6, p. 530–541.

MOORE, E.; SANDER, F. Quantitative and qualitative aspects of the zooplankton and breeding patterns of copepods at two Caribbean coral reef stations. **Estuarine and Coastal Marine Science**, 1976. v. 4, n. 6, p. 589–607.

MORGAN, C. A.; ROBERTIS, A. DE; ZABEL, R. W. Columbia River plume fronts. I. Hydrography, zooplankton distribution, and community composition. **Marine Ecology Progress Series**, 2005. v. 299, p. 19–31.

NAKAJIMA, R. *et al.* Diel variation in abundance, biomass and size composition of zooplankton community over a coral-reef in Redang Island, Malaysia. **Plankton and Benthos Research**, 2008. v. 3, n. 4, p. 216–226.

______ *et al.* Biomass and estimated production rates of metazoan zooplankton community in a tropical coral reef of Malaysia. **Marine Ecology**, 2014. v. 35, p. 112–131.

______ *et al.* Planktonic trophic structure in a coral reef ecosystem – Grazing versus microbial food webs and the production of mesozooplankton. **Progress in Oceanography**, 2017. v. 156, p. 104–120. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.pocean.2017.06.007>.

NEUMANN-LEITÃO, S. *et al.* Zooplankton from a reef system under the influence of the Amazon River plume. **Frontiers in Microbiology**, 2018. v. 9, p. 1–15.

NEWBOLD, J. D. *et al.* Phosphorus Dynamics in a Woodland Stream Ecosystem : A Study of Nutrient Spiralling. 1963. v. 64, n. 5, p. 1249–1265.

PAULY, D.; ZELLER, D. Accurate catches and the sustainability of coral reef fisheries. **Current Opinion in Environmental Sustainability**, 2014. v. 7, p. 44–51. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cosust.2013.11.027>.

PINTO, C. S. C.; SOUZA-SANTOS, L. P.; SANTOS, P. J. P. Development and population dynamics of Tisbe biminiensis (Copepoda: Harpacticoida) reared on different diets. **Aquaculture**, 2001. v. 198, n. 3–4, p. 253–267.

POMEROY, L. R. *et al.* The microbial loop. **Oceanography**, 2007. v. 20, n. SPL.ISS. 2, p. 28–33.

PORTELLA, D. B.; SANTOS, F. L. De B. Dos; ARAÚJO, T. C. M. De. Morphological and Dynamical Characterization of Tamandaré Bay, Pernambuco - Brazil. **Tropical Oceanography**, 2001. v. 29, p. 79–86.

PORTO-NETO, F. D. F. **Zooplankton as bioindicator of environmental quality in the Tamandaré Reef system (Pernambuco - Brazil): anthropogenic influences and interaction with mangroves**. [S.l.]: Universität Bremen, 2003.

POULSEN, L. K.; IVERSEN, M. H. Degradation of copepod fecal pellets: Key role of protozooplankton. **Marine Ecology Progress Series**, 2008. v. 367, p. 1–13.

PUTLAND, J. N.; IVERSON, R. L. Microzooplankton: Major herbivores in an estuarine planktonic food web. **Marine Ecology Progress Series**, 2007. v. 345, n. Mortazavi 1998, p. 63–73.

RAY, G. C. Connectivities of estuarine fishes to the coastal realm. **Estuarine, Coastal and Shelf Science**, 2005. v. 64, n. 1 SPEC. ISS., p. 18–32.

RIEPER, M. Feeding Preferences of Marine Harpacticoid Copepods for Various Species of Bacteria. **Marine Ecology Progress Series**, 1982. v. 7, p. 303–307.

ROBICHAUX, D. M. *et al.* Experiments with Zooplankton on Coral Reefs, or, Will the Real Demersal Plankton Please Come Up? **Marine Ecology**, 1981. v. 2, n. 1, p. 77–94.

ROMAN, M. R.; FURNAS, M. J.; MULLIN, M. M. Zooplankton abundance and grazing at Davies Reel Great Barrier Reel Australia *. **Marine Biology**, 1990. v. 105, p. 73–82.

ROTHLISBERG, P. C.; JACKSON, C. J. Temporal and spatial variation of plankton abundance in the Gulf of Carpentaria, Australia 1975-1977. **Journal of Plankton Research**, 1982. v. 4, n. 1, p. 19–40.

RUSSELL, R. W.; HARRISON, N. M.; HUNT, G. L. Foraging at a front: Hydrography, zooplankton, and avian planktivory in the northern Bering Sea. **Marine Ecology Progress Series**, 1999. v. 182, p. 77–93.

SCHWAMBORN, R. *et al.* Stable isotope composition of paniculate organic matter and Zooplankton in North-East Brazilian shelf waters. **Archive of Fishery and Marine Research**, 1999. v. 47, n. 2–3, p. 201–210.

SHMELEVA, A. A. Weight characteristics of the zooplankton of the Adriatic Sea. **Bulletin of the Institute of Oceanography**, 1965. v. 65, p. 1–24.

SILVA, A. J. Da. **Mortalidade não-predatória do zooplâncton em um aárea de recifes tropicais influenciada por pluma estuarina**. [S.l.]: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2019. ISBN 9788578110796.

SILVA, Andréa Pinto *et al.* Mesozooplankton of an impacted Bay in North Eastern Brazil. **Brazilian Archives of Biology and Technology**, 2004. v. 47, n. 3, p. 485–493.

SOARES, M. De O. *et al.* Oil spill in South Atlantic (Brazil): Environmental and governmental disaster. **Marine Policy**, 2020. v. 115, n. February.

SOUTER, D. W.; LINDÉN, O. The health and future of coral reef systems. **Ocean and Coastal Management**, 2000. v. 43, n. 8–9, p. 657–688.

STATON, J. L.; SULKIN, S. D. Nutritional requirements and starvation resistance in larvae of the brachyuran crabs Sesarma cinereum (Bosc) and S. reticulatum (Say). **Journal of Experimental Marine Biology and Ecology**, 1991. v. 152, n. 2, p. 271–284.

STENECK, R. S.; BELLWOOD, David R.; HAY, M. E. Herbivory in the marine realm. **Current Biology**, 2017. v. 27, n. 11, p. R484–R489. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cub.2017.04.021>.

SUN, S.; HUO, Y.; YANG, B. Zooplankton functional groups on the continental shelf of the yellow sea. **Deep-Sea Research Part II: Topical Studies in Oceanography**, 2010. v. 57, n. 11–12, p. 1006–1016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.dsr2.2010.02.002>.

SUTHERS, Iain M. *et al.* Entrainment and advection in an island’s tidal wake, as revealed by light attenuance, zooplankton, and ichthyoplankton. **Limnology and Oceanography**, 2004. v. 49, n. 1, p. 283–296.

TORRES-SORANDO, L. J. *et al.* Population dynamics of Oithona hebes (Copepoda: Cyclopoida) in a coastal estuarine lagoon of Venezuela: A stage-dependent matrix growth model. **Ecological Modelling**, 2003. v. 161, n. 3, p. 159–168.

TURNER, J. T. The Importance of Small Pelagic Planktonic Copepods and Their Role in Pelagic Marine Food Webs. **Zoological Studies**, 2004a. v. 43, n. 2, p. 255–266.

______. The importance of small planktonic copepods and their roles in pelagic marine food webs. **Zoological Studies**, 2004b. v. 43, n. 2, p. 255–266.

UEDA, A.; KOBARI, T.; STEINBERG, D. K. Body length, weight and chemical composition of ontogenetically migrating copepods in the Western Subarctic Gyre of the North Pacific Ocean. **Bulletin of the Plankton Society of Japan**, 2008. v. 55, n. 2, p. 107–114.

VALLINA, S. M. *et al.* Global relationship between phytoplankton diversity and productivity in the ocean. **Nature Communications**, 2014. v. 5, p. 1–10.

VIZZINI, S. *et al.* Contribution of planktonic and benthic food sources to the diet of the reef-forming vermetid gastropod Dendropoma petraeum in the western Mediterranean. **Estuarine, Coastal and Shelf Science**, 2012. v. 96, n. 1, p. 262–267. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ecss.2011.11.021>.

WEBBER, M. K.; ROFF, J. C. Annual biomass and production of the oceanic copepod community off Discovery Bay, Jamaica. **Marine Biology**, 1995. v. 123, p. 481–495.

WOODHEAD, A. J. *et al.* Coral reef ecosystem services in the Anthropocene. **Functional Ecology**, 2019. v. 33, n. 6, p. 1023–1034.

WÖSTEN, J. H. M. *et al.* Nutrient dynamics in mangrove areas of the Red River Estuary in Vietnam. **Estuarine, Coastal and Shelf Science**, 2003. v. 57, n. 1–2, p. 65–72.

YAHEL, R. *et al.* Diel pattern with abrupt crepuscular changes of zooplankton over a coral reef. **Limnology and Oceanography**, 2005. v. 50, n. 3, p. 930–944.

ZHANG, J. *et al.* Natural and human-induced hypoxia and consequences for coastal areas:

Synthesis and future development. **Biogeosciences**, 2010. v. 7, n. 5, p. 1443–1467.

ZHOU, L. *et al.* Size-based analysis of a zooplankton community under the influence of the Pearl River plume and coastal upwelling in the northeastern South China Sea. **Marine Biology Research**, 2015. v. 11, n. 2, p. 168–179.

ZÖLLNER, E. *et al.* Effect of zooplankton-mediated trophic cascades on marine microbial food web components (bacteria, nanoflagellates, ciliates). **Limnology and Oceanography**, 2009. v. 54, n. 1, p. 262–275.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo é o primeiro na costa do Nordeste brasileiro a apresentar o comportamento alimentar de copépodes marinhos em uma área de recifes costeiros tropicais. Tal trabalho pode servir de base para futuros estudos da ecologia trófica desses ambientes, que são altamente diversos.

Os copépodes foram os organismos mais abundantes tanto na pluma quanto nos recifes costeiros tropicais. Espécies estuarinas e costeiras dominaram a comunidade, como Paracalanidae, Acartiidae e Oithonidae juntamente com seus náuplios e copepoditos.

Alguns grupos zooplanctônicos estuarinos acompanharam os copépodes na abundância sobre os recifes, embora não dominantes. Grupos como Gastropoda, Brachyura, Cirripedia, Appendicularia e larvas de peixe apresentaram maior abundância diante dos demais. A comunidade sobre os recifes apresentou composição similar à comunidade na pluma estuarina, embora a abundância e biomassa de alguns grupos diminuíram no recife, com predominância de organismos costeiros.

A pluma estuarina apresentou abundância e biomassa de copépodes maior que os recifes costeiros tropicais adjacentes. No entanto, o zooplâncton noturno nos recifes apresentaram uma abundância e biomassa bem maior que nas condições diurnas, revelando a importância da migração zooplanctônica nos recifes costeiros tropicais para a dinâmica da comunidade.

A herbivoria é o hábito alimentar mais prevalente entre os copépodes sobre os recifes costeiros tropicais. Um achado importante é a maior presença de onívoros na comunidade, revelando que a herbivoria pode ser uma entre as demais habilidades desses copépodes para conseguir seu alimento.

O microzooplâncton, embora apresente comportamento alimentar relacionado à cadeia de pastagem, está mais integrado à cadeia detritívora que o mesozooplâncton. Este, por sua vez, está mais integrado à cadeia de pastagem. Contudo, o zooplâncton sobre os recifes de corais é mais integrante da cadeia de pastagem.

REFERÊNCIAS

Achituv, Y., Brickner, I., & Erez, J. (1997). Stable carbon isotope ratios in Red Sea barnacles (Cirripedia) as an indicator of their food source. *Marine Biology*, *130*(2), 243–247. https://doi.org/10.1007/s002270050244

Ambler, J. W., Ferrari, F. D., Fornshell, J. A., & Buskey, E. J. (1999). Diel cycles of molting, mating, egg sac production and hatching in the swarm forming cyclopoid copepod Dioithona oculata. *Plankton Biology and Ecology*, *46*(2), 120–127.

Ara, K. (2001). Length-weight relationships and chemical content of the planktonic copepods in the Cananeia Lagoon estuarine. *Plankton Boiology and Ecology*, *48*(2), 121–127.

Araújo, M. de S. L. C. de, Tenório, D. de O., & Castiglioni, D. da S. (2014). Diversity and distribution of the Crustacea Brachyura from the mangroves of Ariquindá and Mamucabas Rivers, South Coast of Pernambuco, Brazil. *Journal of Integrated Coastal Zone Management*, *14*(3), 483–499. https://doi.org/10.5894/rgci493

Araújo, M. S. L. C., Castiglioni, D. S., & Coelho, P. A. (2012). Width-weight relationship and condition factor of Ucides cordatus (Crustacea, Decapoda, Ucididae) at tropical mangroves of Northeast Brazil. *Iheringia. Série Zoologia*, *102*(3), 277–284. https://doi.org/10.1590/s0073-47212012000300005

Ayukai, T. (1991). Standing stock of microzooplankton on coral reefs : a preliminary study. *Journal of Plankton Research*, *13*(4), 895–899. https://doi.org/https://doi.org/10.1093/plankt/13.4.895

Behrenfeld, M. J. (2014). Climate-mediated dance of the plankton. *Nature Climate Change*, *4*(10), 880–887. https://doi.org/10.1038/nclimate2349

Bellwood, D. R., Hughes, T. P., & Nyström, M. (2004). Confronting the coral reef crisis. *Nature*, *429*, 827–833. https://doi.org/10.1038/nature02691

Benedetti, F., Gasparini, S., & Ayata, S. D. (2016). Identifying copepod functional groups from species functional traits. *Journal of Plankton Research*, *38*(1), 159–166. https://doi.org/10.1093/plankt/fbv096

Bible, J. M., & Sanford, E. (2016). Local adaptation in an estuarine foundation species: Implications for restoration. *Biological Conservation*, *193*, 95–102. https://doi.org/10.1016/j.biocon.2015.11.015

Bjönberg, T. K. S. (1981). Copepoda. In *Boltovskoy, D. (ED.) Atlas del zooplankton del Atlántico Sudoccidental y métodos de trabajo con el zooplankton marino* (pp. 587–680). Mar del Plata: INIDEP.

Boltovskoy, D. (1999). *South Atlantic Zooplankton*. Leiden, The Netherlands: Buckhuys Publishers.

Boxshall, G. A., & Halsey, S. H. (2004). *An Introduction to Copepod Diversity* (166th ed.). London: The Ray Society.

Brasil, M. do M. A. (1997). *Decreto de 23 de outubro de 1997*. Retrieved from http://www.icmbio.gov.br/apacostadoscorais/images/stories/legislacao/Decreto_23_10_1997.pdf

Butler, J. R. A., Wong, G. Y., Metcalfe, D. J., Honzák, M., Pert, P. L., Rao, N., … Brodie, J. E. (2013). An analysis of trade-offs between multiple ecosystem services and stakeholders linked to land use and water quality management in the Great Barrier Reef, Australia. *Agriculture, Ecosystems and Environment*, *180*, 176–191. https://doi.org/10.1016/j.agee.2011.08.017

Camargo, J. M. R. de, Araújo, T. C. M. de, Maida, M., & Ushizima, T. M. (2007). Morfologia da plataforma continental interna adjacente ao município de tamandaré, sul de pernambuco - Brasil. *Revista Brasileira de Geofisica*, *25*(SUPPL. 1), 79–89. https://doi.org/10.1590/s0102-261x2007000500008

Castellani, C., & Edwards, M. (2017). *Marine Plankton: A Practical Guide to Ecology, Methodology, and Taxonomy*. Oxford Academic Press.

Chew, L. L., & Chong, V. C. (2011). Copepod community structure and abundance in a tropical mangrove estuary, with comparisons to coastal waters. *Hydrobiologia*, *666*(1), 127–143. https://doi.org/10.1007/s10750-010-0092-3

Chisholm, L. A., & Roff, J. C. (1990). Size-weight relationships and biomass of tropical neritic copepods off Kingston, Jamaica. *Marine Biology*, *106*(1), 71–77. https://doi.org/10.1007/BF02114676

Coull, B. C., & Vernberg, W. B. (1970). Harpacticoid copepod respiration: Enhydrosoma propinquum and Longipedia helgolandica. *Marine Biology*, *5*(4), 341–344. https://doi.org/10.1007/BF00346900

Courrat, A., Lobry, J., Nicolas, D., Laffargue, P., Amara, R., Lepage, M., … Le Pape, O. (2009). Anthropogenic disturbance on nursery function of estuarine areas for marine species. *Estuarine, Coastal and Shelf Science*, *81*(2), 179–190. https://doi.org/10.1016/j.ecss.2008.10.017

Cronin, L. E., Daiber, J. C., & Hulbert, E. M. (1962). Quantitative Seasonal Aspects of Zooplankton in the Delaware River Estuary. *Chesapeake Science*, *3*(2). https://doi.org/https://doi.org/10.2307/1351221

Da Costa, R. M., Atique, P., Da Costa, K. G., & Pereira, L. C. C. (2011). Seasonal and spatial variation in hydrological parameters and microzooplankton communities in an Amazonian Estuary. *Journal of Coastal Research*, (SPEC. ISSUE 64), 1477–1481.

David, V., Selleslagh, J., Nowaczyk, A., Dubois, S., Bachelet, G., Blanchet, H., … Lobry, J. (2016). Estuarine habitats structure zooplankton communities: Implications for the pelagic trophic pathways. *Estuarine, Coastal and Shelf Science*, *179*, 99–111. https://doi.org/10.1016/j.ecss.2016.01.022

Deegan, L. A., & Garritt, R. H. (1997). Evidence for spatial variability in estuarine food webs.

Marine Ecology Progress Series, *147*(1–3), 31–47. https://doi.org/10.3354/meps147031

Ferreira, B. P., Maida, M., & Cava, F. (2001). Características e perspectivas para o manejo da pesca na apa marinha costa dos corais. *Anais Do II Cong. Bras. de Unidades de Conservação*, (January), 50–58.

Fidelis, V. T. P. (2014). *Estrutura da comunidade e produção dos copépodes pelágicos dos recifes da APA Costa dos Corais (Tamandaré , PE , Brasil)*. Universidade Federal de Pernambuco.

Fiers, F. (1984). Harpacticoida copepods from the west Indian islands: Canuellidae and Longipediidae (Copepoda, Harpacticoida). *BIJDRAGEN TOT DE DIERKUNDE*, *54*(2).

Figueirêdo, L. G. P., Melo, P. A. M. de C., Melo Júnior, M. de, Silva, T. de A. e., Moura, R. L. de, Thompson, F. L., & Leitão, S. N. (2018). Summer micro- and mesozooplankton from the largest reef system of the South Atlantic Ocean (Abrolhos, Brazil): Responses to coast proximity. *Journal of Sea Research*, *141*(May), 37–46. https://doi.org/10.1016/j.seares.2018.08.002

Fontes, V. C., Gomes, M. P., Vital, H., Ferreira, B. P., & Maida, M. (2020). Reefs distribution and inter reef sedimentation on Tamandaré continental shelf, Northeast Brazil. In *Seafloor Geomorphology as Benthic Habitat*. https://doi.org/10.1016/b978-0-12-814960-7.00033-6

Gifford, D. J., & Dagg, M. J. (1988). Feeding of the estuarine copepod Acartia tonsa Dana: carnivory vs. herbivory in natural microplankton assemblages. *Bulletin of Marine Science*, *43*(3), 458–468.

Glasby, T. M., Gibson, P. T., & Cruz-Motta, J. J. (2017). Differences in rocky reef habitats related to human disturbances across a latitudinal gradient. *Marine Environmental Research*, *129*, 291–303. https://doi.org/10.1016/j.marenvres.2017.06.014

Glynn, P. W. (1973). Ecology of a Caribbean Coral Reef. The Porites Reef-Flat Biotope: Part II. Plankton Community with Evidence for Depletion. *Marine Biology*, *21*(1), 1–21. https://doi.org/https://doi.org/10.1007/BF00388905

Green, E. P., Harris, R. P., & Duncan, A. (1992). The production and ingestion of faecal pellets by nauplii of marine calanoid copepods. *Journal of Plankton Research*, *14*(12), 1631–1643. https://doi.org/10.1093/plankt/14.12.1631

Hamner, W. M., & Carleton, J. H. (1979). Copepod swarms: Attributes and role in coral reef ecosystems. *Limnology and Oceanography*, *24*(1), 1–14.

Hamner, W. M., Jones, M. S., Carleton, J. H., Hauri, I. R., & Williams, D. M. (1988). Zooplankton, panktivorous fish, and water currents on a windward reef face: Great Barrier Reef, Australia. *Bulletin of Marine Science*, *42*(3), 459–479.

Heidelberg, K. B., Sebens, K. P., & Purcell, J. E. (2004). Composition and sources of near reef zooplankton on a Jamaican forereef along with implications for coral feeding. *Coral Reefs*, *23*(2), 263–276. https://doi.org/10.1007/s00338-004-0375-0

Heidelberg, Karla B., O’Neil, K. L., Bythell, J. C., & Sebens, K. P. (2010). Vertical distribution and diel patterns of zooplankton abundance and biomass at Conch Reef, Florida Keys (USA). *Journal of Plankton Research*, *32*(1), 75–91. https://doi.org/10.1093/plankt/fbp101

Hirota, R. (1981). Dry weight and chemical composition of the important zooplankton in the Setonaikai (Inland Sea Japan). *Bulletin of Plankton Society of Japan*.

Hu, S., Guo, Z., Li, T., Xu, C., Huang, H., Liu, S., & Lin, S. (2015). Molecular analysis of in situ diets of coral reef copepods: Evidence of terrestrial plant detritus as a food source in Sanya Bay, China. *Journal of Plankton Research*, *37*(2), 363–371. https://doi.org/10.1093/plankt/fbv014

ICMBio. (2012). *Plano de manejo da APA Costa dos Corais* (p. 73). p. 73. Retrieved from http://www.icmbio.gov.br/apacostadoscorais/images/stories/plano_de_manejo/PM_APACC_2013_JANEIRO.pdf

Irigoien, X., Harris, R. P., Verheye, H. M., Joly, P., Runge, J., Starr, M., … Davidson, R. (2002). Copepod hatching success in marine ecosystems with high diatom concentrations. *Nature*, *419*(6905), 387–389. https://doi.org/10.1038/nature01055

Jackson, J. M., & Lenz, P. H. (2016). Predator-prey interactions in the plankton: Larval fish feeding on evasive copepods. *Scientific Reports*, *6*(September), 1–11. https://doi.org/10.1038/srep33585

Kingsford, M. J., & Suthers, I. M. (1994). Dynamic estuarine plumes and fronts: importance to small fish and plankton in coastal waters of NSW, Australia. *Continental Shelf Research*, *14*(5), 655–672.

Kiorboe, T. (1998). Population regulation and role of mesozooplankton in shaping marine pelagic food webs. *Hydrobiologia*, *363*, 13–27. https://doi.org/10.1023/A

Kramer, M. J., Bellwood, D. R., & Bellwood, O. (2013). Emergent fauna from hard surfaces on the Great Barrier Reef, Australia. *Marine and Freshwater Research*, *64*(8), 687–691. https://doi.org/10.1071/MF12284

Lambert, W. (1989). The Adaptive Significance of Diel Vertical Migration of Zooplankton. *Functional Ecology*, *3*(1), 21–27.

Lira, L., Falcão, I. M. de M., Zapata, M. C., & Oliveira, A. V. de. (1978). Material em suspensão, temperatura e salinidade no estuário do rio Mamucaba-PE. *Cad. Ômega Univ. Fed. Rural PE*, *2*(1), 97–116.

Liu, S. H., Sun, S., & Han, B. P. (2003). Diel vertical migration of zooplankton following optimal food intake under predation. *Journal of Plankton Research*, *25*(9), 1069–1077. https://doi.org/10.1093/plankt/25.9.1069

Magris, R. A., & Giarrizzo, T. (2020). Mysterious oil spill in the Atlantic Ocean threatens marine biodiversity and local people in Brazil. *Marine Pollution Bulletin*, *153*(February), 110961. https://doi.org/10.1016/j.marpolbul.2020.110961

Mauchline, J. (1998). Advances in Marine Biology: The Biology of Calanoid Copepods. In *The Quarterly Review of Biology* (Vol. 33). https://doi.org/10.1086/393440

Mckinnon, A. D., & Duggan, S. (2014). Community Ecology of Pelagic Copepods in Tropical Coastal Waters. In L. Seuront (Ed.), *Copepods: Diversity, Habitat and Behavior*. NOva Science Publishers.

McKinnon, A. D., Duggan, S., & De'ath, G. (2005). Mesozooplankton dynamics in nearshore waters of the Great Barrier Reef. *Estuarine, Coastal and Shelf Science*, *63*(4), 497–511. https://doi.org/10.1016/j.ecss.2004.12.011

Melo, P. A. M. C., Silva, T. A., Neumann-Leitão, S., Schwamborn, R., Gusmão, L. M. O., & Porto Neto, F. (2010). Demersal zooplankton communities from tropical habitats in the southwestern Atlantic. *Marine Biology Research*, *6*(6), 530–541. https://doi.org/10.1080/17451000903426557

Moore, E., & Sander, F. (1976). Quantitative and qualitative aspects of the zooplankton and breeding patterns of copepods at two Caribbean coral reef stations. *Estuarine and Coastal Marine Science*, *4*(6), 589–607. https://doi.org/10.1016/0302-3524(76)90068-2

Morgan, C. A., De Robertis, A., & Zabel, R. W. (2005). Columbia River plume fronts. I. Hydrography, zooplankton distribution, and community composition. *Marine Ecology Progress Series*, *299*, 19–31. https://doi.org/10.3354/meps299019

Morris, A. W., Allen, J. I., Howland, R. J. M., & Wood, R. G. (1995). *The Estuary Plume Zone : Source or Sink for Land-derived Nutrient Discharges ?* 387–402.

MOURA, R. T. DE, & PASSAVANTE, J. Z. D. O. (1995). Biomassa fitoplanctônica na baía de Tamandaré, Rio Formoso - Pernambuco, Brasil. *Trabalhos Oceanográficos*, *23*, 1–15. https://doi.org/10.5914/tropocean.v23i1.2674

Nakajima, R., Yamazaki, H., Lewis, L. S., Khen, A., Smith, J. E., Nakatomi, N., & Kurihara, H. (2017). Planktonic trophic structure in a coral reef ecosystem – Grazing versus microbial food webs and the production of mesozooplankton. *Progress in Oceanography*, *156*, 104–120. https://doi.org/10.1016/j.pocean.2017.06.007

Nakajima, R., Yoshida, T., Othman, B. H. R., & Toda, T. (2008). Diel variation in abundance, biomass and size composition of zooplankton community over a coral-reef in Redang Island, Malaysia. *Plankton and Benthos Research*, *3*(4), 216–226. https://doi.org/10.3800/pbr.3.216

Nakajima, R., Yoshida, T., Othman, B. H. R., & Toda, T. (2014). Biomass and estimated production rates of metazoan zooplankton community in a tropical coral reef of Malaysia. *Marine Ecology*, *35*, 112–131. https://doi.org/10.1111/maec.12062

Nascimento-Vieira, D. A. do, Neumann-Leitão, S., Porto-Neto, F. de F., Silva, T. de A. e, & Silva, A. P. (2010). Mesozooplâncton de área recifal do Atlântico Sudoeste Tropical. *Tropial Oceanography*, *38*(1), 47–59. https://doi.org/https://periodicos.ufpe.br/revistas/TROPICALOCEANOGRAPHY/article/viewFile/5160/4420

Neumann-Leitão, S. (1995). Resenha literária sobre zooplâncton estuarino no Brasil. 25-53. *Trab.Oceanog.Univ. Fed. PE*, Vol. 23, pp. 25–53.

Neumann-Leitão, Sigrid, Melo, P. A. M. C., Schwamborn, R., Diaz, X. F. G., Figueiredo, L. G. P., Silva, A. P., … Thompson, F. (2018). Zooplankton from a reef system under the influence of the Amazon River plume. *Frontiers in Microbiology*, *9*, 1–15. https://doi.org/10.3389/fmicb.2018.00355

Newbold, J. D., Elwood, J. W., O'Nell, R. V, & Sheldon, A. L. (1963). *Phosphorus Dynamics in a Woodland Stream Ecosystem : A Study of Nutrient Spiralling*. *64*(5), 1249–1265.

Pauly, D., & Zeller, D. (2014). Accurate catches and the sustainability of coral reef fisheries. *Current Opinion in Environmental Sustainability*, *7*, 44–51. https://doi.org/10.1016/j.cosust.2013.11.027

Pinto, C. S. C., Souza-Santos, L. P., & Santos, P. J. P. (2001). Development and population dynamics of Tisbe biminiensis (Copepoda: Harpacticoida) reared on different diets. *Aquaculture*, *198*(3–4), 253–267. https://doi.org/10.1016/S0044-8486(00)00582-2

Pomeroy, L. R., Williams, P. J. leB., Azam, F., & Hobbie, J. E. (2007). The microbial loop. *Oceanography*, *20*(SPL.ISS. 2), 28–33. https://doi.org/10.5670/oceanog.2007.45

Portella, D. B., Santos, F. L. de B. dos, & Araújo, T. C. M. de. (2001). Morphological and Dynamical Characterization of Tamandaré Bay, Pernambuco - Brazil. *Tropical Oceanography*, *29*, 79–86.

Porto-Neto, F. D. F. (2003). *Zooplankton as bioindicator of environmental quality in the Tamandaré Reef system (Pernambuco - Brazil): anthropogenic influences and interaction with mangroves*. Universität Bremen.

Poulsen, L. K., & Iversen, M. H. (2008). Degradation of copepod fecal pellets: Key role of protozooplankton. *Marine Ecology Progress Series*, *367*, 1–13. https://doi.org/10.3354/meps07611

Putland, J. N., & Iverson, R. L. (2007). Microzooplankton: Major herbivores in an estuarine planktonic food web. *Marine Ecology Progress Series*, *345*(Mortazavi 1998), 63–73. https://doi.org/10.3354/meps06841

Rabouille, C., Conley, D. J., Dai, M. H., Cai, W. J., Chen, C. T. A., Lansard, B., … McKee, B. (2008). Comparison of hypoxia among four river-dominated ocean margins: The Changjiang (Yangtze), Mississippi, Pearl, and Rhône rivers. *Continental Shelf Research*, *28*(12), 1527–1537. https://doi.org/10.1016/j.csr.2008.01.020

Ray, G. C. (2005). Connectivities of estuarine fishes to the coastal realm. *Estuarine, Coastal and Shelf Science*, *64*(1 SPEC. ISS.), 18–32. https://doi.org/10.1016/j.ecss.2005.02.003

Rieper, M. (1982). Feeding Preferences of Marine Harpacticoid Copepods for Various Species of Bacteria. *Marine Ecology Progress Series*, *7*, 303–307. https://doi.org/10.3354/meps007303

Robichaux, D. M., Cohen, A. C., Reaka, M. L., & Allen, D. (1981). Experiments with Zooplankton on Coral Reefs, or, Will the Real Demersal Plankton Please Come Up? *Marine Ecology*, *2*(1), 77–94. https://doi.org/10.1111/j.1439-0485.1981.tb00092.x

Roman, M. R., Furnas, M. J., & Mullin, M. M. (1990). Zooplankton abundance and grazing at Davies Reel Great Barrier Reel Australia *. *Marine Biology*, *105*, 73–82. https://doi.org/10.1007/BF01344272

Rothlisberg, P. C., & Jackson, C. J. (1982). Temporal and spatial variation of plankton abundance in the Gulf of Carpentaria, Australia 1975-1977. *Journal of Plankton Research*, *4*(1), 19–40. https://doi.org/10.1093/plankt/4.1.19

Russell, R. W., Harrison, N. M., & Hunt, G. L. (1999). Foraging at a front: Hydrography, zooplankton, and avian planktivory in the northern Bering Sea. *Marine Ecology Progress Series*, *182*, 77–93. https://doi.org/10.3354/meps182077

Schminke, H. K. (2007). Entomology for the copepodologist. *Journal of Plankton Research*, *29*(SUPPL. 1), 149–162. https://doi.org/10.1093/plankt/fbl073

Schwamborn, R., Voss, M., Ekau, W., & Saint-Paul, U. (1999). Stable isotope composition of paniculate organic matter and Zooplankton in North-East Brazilian shelf waters. *Archive of Fishery and Marine Research*, *47*(2–3), 201–210.

Shmeleva, A. A. (1965). Weight characteristics of the zooplankton of the Adriatic Sea. *Bulletin of the Institute of Oceanography*, *65*, 1–24.

Silva, A. P., Neumann-Leitão, S., Schwamborn, R., De Oliveira Gusmão, L. M., & De Almeida E Silva, T. (2004). Mesozooplankton of an impacted Bay in North Eastern Brazil. *Brazilian Archives of Biology and Technology*, *47*(3), 485–493. https://doi.org/10.1590/S1516-89132004000300020

Silva, A. J. da. (2019). Mortalidade não-predatória do zooplâncton em um aárea de recifes tropicais influenciada por pluma estuarina (Universidade Federal Rural de Pernambuco). https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004

Silva, M. R. Da, Silva-Cunha, M. G. G. Da, Feitosa, F. a. ., & Muniz, K. (2005). Estrutura Da Comunidade Fitoplânctônica Na Baía De Tamandaré (Pernambuco , Nordeste Do Brasil). *Tropical Oceanography*, *33*(2), 163–181.

Soares, M. de O., Teixeira, C. E. P., Bezerra, L. E. A., Paiva, S. V., Tavares, T. C. L., Garcia, T. M., … Cavalcante, R. M. (2020). Oil spill in South Atlantic (Brazil): Environmental and governmental disaster. *Marine Policy*, *115*(February). https://doi.org/10.1016/j.marpol.2020.103879

Souter, D. W., & Lindén, O. (2000). The health and future of coral reef systems. *Ocean and Coastal Management*, *43*(8–9), 657–688. https://doi.org/10.1016/S0964-5691(00)00053-3

Staton, J. L., & Sulkin, S. D. (1991). Nutritional requirements and starvation resistance in larvae of the brachyuran crabs Sesarma cinereum (Bosc) and S. reticulatum (Say). *Journal of*

Experimental Marine Biology and Ecology, *152*(2), 271–284. https://doi.org/10.1016/0022-0981(91)90219-M

Steneck, R. S., Bellwood, D. R., & Hay, M. E. (2017). Herbivory in the marine realm. *Current Biology*, *27*(11), R484–R489. https://doi.org/10.1016/j.cub.2017.04.021

Sun, S., Huo, Y., & Yang, B. (2010). Zooplankton functional groups on the continental shelf of the yellow sea. *Deep-Sea Research Part II: Topical Studies in Oceanography*, *57*(11–12), 1006–1016. https://doi.org/10.1016/j.dsr2.2010.02.002

Suthers, I. M., Taggart, C. T., Kelley, D., Rissik, D., & Middleton, J. H. (2004). Entrainment and advection in an island's tidal wake, as revealed by light attenuance, zooplankton, and ichthyoplankton. *Limnology and Oceanography*, *49*(1), 283–296. https://doi.org/10.4319/lo.2004.49.1.0283

Torres-Sorando, L. J., Zacarias, D., De Roa, E. Z., & Rodríguez, D. J. (2003). Population dynamics of Oithona hebes (Copepoda: Cyclopoida) in a coastal estuarine lagoon of Venezuela: A stage-dependent matrix growth model. *Ecological Modelling*, *161*(3), 159–168. https://doi.org/10.1016/S0304-3800(02)00355-1

Tseng, L. C., Souissi, S., Dahms, H. U., Chen, Q. C., & Hwang, J. S. (2008). Copepod communities related to water masses in the southwest East China Sea. *Helgoland Marine Research*, *62*(2), 153–165. https://doi.org/10.1007/s10152-007-0101-8

Turner, J. T. (2004a). The Importance of Small Pelagic Planktonic Copepods and Their Role in Pelagic Marine Food Webs. *Zoological Studies*, *43*(2), 255–266.

Turner, J. T. (2004b). The importance of small planktonic copepods and their roles in pelagic marine food webs. *Zoological Studies*, *43*(2), 255–266.

Ueda, A., Kobari, T., & Steinberg, D. K. (2008). Body length, weight and chemical composition of ontogenetically migrating copepods in the Western Subarctic Gyre of the North Pacific Ocean. *Bulletin of the Plankton Society of Japan*, *55*(2), 107–114.

Valle-Levinson, A. (2010). *Contemporary Issues in Estuarine Physics*. New York: Cambridge University Press.

Vallina, S. M., Follows, M. J., Dutkiewicz, S., Montoya, J. M., Cermeno, P., & Loreau, M. (2014). Global relationship between phytoplankton diversity and productivity in the ocean. *Nature Communications*, *5*, 1–10. https://doi.org/10.1038/ncomms5299

Vizzini, S., Colombo, F., Costa, V., & Mazzola, A. (2012). Contribution of planktonic and benthic food sources to the diet of the reef-forming vermetid gastropod Dendropoma petraeum in the western Mediterranean. *Estuarine, Coastal and Shelf Science*, *96*(1), 262–267. https://doi.org/10.1016/j.ecss.2011.11.021

Webber, M. K., & Roff, J. C. (1995). Annual biomass and production of the oceanic copepod community off Discovery Bay, Jamaica. *Marine Biology*, *123*, 481–495. https://doi.org/10.1007/BF00349227

Woodhead, A. J., Hicks, C. C., Norström, A. V., Williams, G. J., & Graham, N. A. J. (2019). Coral reef ecosystem services in the Anthropocene. *Functional Ecology*, *33*(6), 1023–1034. https://doi.org/10.1111/1365-2435.13331

Wösten, J. H. M., Willigen, P., Tri, N. H., Lien, T. V., & Smith, S. V. (2003). Nutrient dynamics in mangrove areas of the Red River Estuary in Vietnam. *Estuarine, Coastal and Shelf Science*, *57*(1–2), 65–72. https://doi.org/10.1016/S0272-7714(02)00331-1

Yahel, R., Yahel, G., Herman, T., Jaffe, J. S., & Genin, A. (2005). Diel pattern with abrupt crepuscular changes of zooplankton over a coral reef. *Limnology and Oceanography*, *50*(3), 930–944. https://doi.org/10.4319/lo.2005.50.3.0930

Zhang, J., Gilbert, D., Gooday, A. J., Levin, L., Naqvi, S. W. A., Middelburg, J. J., … Van Der Plas, A. K. (2010). Natural and human-induced hypoxia and consequences for coastal areas: Synthesis and future development. *Biogeosciences*, *7*(5), 1443–1467. https://doi.org/10.5194/bg-7-1443-2010

Zhou, L., Huang, L., Tan, Y., Lian, X., & Li, K. (2015). Size-based analysis of a zooplankton community under the influence of the Pearl River plume and coastal upwelling in the northeastern South China Sea. *Marine Biology Research*, *11*(2), 168–179. https://doi.org/10.1080/17451000.2014.904882

Zöllner, E., Hoppe, H. G., Sommer, U., & Jürgens, K. (2009). Effect of zooplankton-mediated trophic cascades on marine microbial food web components (bacteria, nanoflagellates, ciliates). *Limnology and Oceanography*, *54*(1), 262–275. https://doi.org/10.4319/lo.2009.54.1.0262

ANEXO A - NORMAS DE SUBMISSÃO À REVISTA MARINE AND FRESHWATER RESEARCH

Author Instructions

All manuscripts should be submitted via **ScholarOne Manuscripts.**

- **PUBLISHING POLICIES**
- **PEER REVIEW**
- **AUTHORSHIP**
- **LICENCE TO PUBLISH**
- **OPEN ACCESS**
- **GENERAL**
- **PAPER CATEGORIES**
- **PRESENTATION**
- **FORMAT**
- **LAY SUMMARY**
- **CONFLICTS OF INTEREST**
- **ACKNOWLEDGEMENTS**
- **REFERENCES**
- **TABLES AND FIGURES**
- **SUPPLEMENTARY MATERIAL**
- **GUIDELINES FOR DATA ANALYSIS AND PRESENTATION**
- **UNITS, NOMENCLATURE AND FORMULAE**
- **ANIMAL AND HUMAN RESEARCH ETHICS**
- **DATA DEPOSITION**
- **HOW TO SUBMIT MANUSCRIPTS**
- **PROOFS AND REPRINTS**

PUBLISHING POLICIES

MARINE AND FRESHWATER RESEARCH insists on high standards of ethical behaviour throughout the publication process. Our journal editors work within the guidelines of the Committee on Publication Ethics (COPE) and International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE). Further information on our policies can be found at http://www.publish.csiro.au/mf/PublishingPolicies.

PEER REVIEW

MARINE AND FRESHWATER RESEARCH is a peer-reviewed journal that uses a single-blind peer-review. The Editor-in-Chief is responsible to maintain high-quality peer-review of papers submitted to the journal and work together with the Associate Editors to ensure a thorough and fair peer-review and the highest scientific publishing standards. All submissions undergo preliminary assessment by the Editor-in-Chief, who may reject a paper before peer review when it is outside the journal’s scope or is of insufficient quality. Associate Editors select reviewers and after at least two review reports are received, they make the decision whether to accept/reject or send a manuscript for revision. The final decision is made by the Associate Editor.

Under our single-blind policy, reviewers’ names are not disclosed to the authors. To increase transparency, reviewers may choose to sign their reports. We ask reviewers and authors not to directly contact each other while the manuscript is under consideration, rather keep all communication through ScholarOne with the Editor’s involvement.

AUTHORSHIP

The conditions around authorship for **MARINE AND FRESHWATER RESEARCH** should follow the recommendations of the International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE), for more information see http://www.publish.csiro.au/mf/PublishingPolicies.

LICENCE TO PUBLISH

For details regarding copyright, please see Copyright/Licence to Publish.

OPEN ACCESS

Authors may choose to publish their paper Open Access on payment of a publication fee. See Open Access for more details.

GENERAL

To reduce the burden on the editorial team, **MARINE AND FRESHWATER RESEARCH** does not require pre-submission enquiries to the Editor. Authors should determine if their manuscripts fit the journal’s scope before submitting their manuscripts through ScholarOne Manuscripts. Editorial advice and decisions will not be provided on manuscripts submitted to the journal through other means.

Papers will be considered for publication if they make an original and significant contribution to research in the aquatic sciences, and fit the journal's scope. Descriptive papers may be accepted if they are placed in an appropriate conceptual setting and have global relevance. However, papers that are purely taxonomic or parochial, describe preliminary or incremental results, or simply present data with minimal or no context will not be considered. Manuscripts that are focussed on the biology of single taxa and do not provide a sufficient discussion on the ecological implications of their results may not be accepted. The Editor reserves the right to reject poorly prepared or inappropriate manuscripts without sending them for review. Manuscripts may be returned for revision before sending out for peer review if the English expression is poor, the data analysis is inappropriate, or the style deviates considerably from that advocated in this set of instructions.

Manuscripts that have a high level of text similarity to previously published material, including that presented in publicly accessible technical reports or reports to funding agencies, will not be accepted for publication. If the manuscripts or part of the manuscript is derived from such published material the text will need modification and the original source needs to be cited.

MARINE AND FRESHWATER RESEARCH assumes that all authors of a multi-authored paper agree to its submission, and that the results have not been published nor are being considered for publication elsewhere. The journal endeavours to ensure that the work published is that of the named authors except where acknowledged and, through its reviewing procedures, that all published results and conclusions are consistent with the primary data. However, it can take no responsibility for fraud or inaccuracy on the part of the contributors.

PAPER CATEGORIES

Full Papers are complete reports of original research not previously published. *Review* articles should critically summarise relevant work in a specific field and indicate fruitful lines of further research. *Comments* on published papers should be submitted **WITHIN ONE YEAR** of publication of the paper on which comment is being made and will be refereed. Authors of the original paper will be given the right of reply. *Short Communications* should have an abstract and may present results from a brief but well-designed study or deal with important observations not needing lengthy treatment. The Results and Discussion sections may be merged in a *Short Communication*. Isolated factual notes will not be considered. *Perspectives* present a novel (and balanced) opinion piece about current or future directions, including policy issues, in marine or freshwater science. *Perspectives* can critically assess current scientific topics or report on future issues that may arise from the discipline. The intent is to stimulate discussion and possible rethinking of current views in marine or freshwater sciences. *Policy Comments* that address the policy implications of interdisciplinary research areas with relevance to a broader audience are of particular interest. These comments should be accompanied by an abstract and generally range from 2000 to 3000 words all inclusive; tables and figures can be included.

PRESENTATION

The work should be presented in clear and concise English. All text should be in Times New Roman, 12 point font, with double or 1.5-line spacing throughout, and with a margin of at least 3 cm on the left-hand side. **EVERY LINE OF EACH PAGE MUST BE CONSECUTIVELY NUMBERED IN THE LEFT-HAND MARGIN, STARTING FROM 1 TO THE HIGHEST NUMBERS NEEDED AS THIS GREATLY ASSISTS THE REFEREES.** All pages of the manuscript must be numbered consecutively, including those carrying references, tables and captions to illustrations, all of which are to be placed after the text. Follow the form of headings, tables and illustrations exemplified in recent issues of the Journal.

Supplementary material which is not essential in the printed paper (e.g. large raw data files) but that may be useful to other workers can be lodged with the Editor if submitted with the manuscript for inspection by the referees. Such material will be published online as Supplementary Material in association with the published paper and made available free to all users.

FORMAT

Papers should usually be in the form Title, Abstract, Additional keywords, Introduction, Materials and methods, Results, Discussion, Acknowledgements, Conflicts of Interest and References. If authors choose to combine the Results and Discussion sections, they must also include a Conclusion to summarise their key findings. Consider using subheadings to organize material.

The title should be concise and appropriately informative and should contain all keywords necessary to facilitate retrieval by online search engines. The abstract (< 200 words) should **OPEN WITH A CLEAR STATEMENT OF THE BROAD RELEVANCE OF THE WORK**, briefly summarise the aims and research approach, give the principal findings, and conclude by specifying the main implications of the results to aquatic science. Additional keywords not already in the title or abstract should be listed beneath the abstract. A running head (< 50 letter spaces) should be supplied for use at the top of the printed page.

The Introduction should set the global relevance of the work in the opening sentences. Text should only cover essential background literature and clearly indicate the reason for the work.

This section should close with a paragraph specifying aims and, where appropriate, testable hypotheses. In the Materials and methods, sufficient detail should be given to enable the work to be repeated. If a commercial product such as an analytical instrument is mentioned, supply its full model name and location of the manufacturer. Give complete citations and version numbers for computer software. Data analysis must be explained clearly, especially when complex models or novel statistical procedures are used (see Guidelines for data analysis and presentation). Results should be stated concisely and without interpretation (although in complex studies, modest interpretation of some data may provide context helpful for understanding subsequent sections). Data presented should address aims and testable hypotheses raised in the Introduction. Use tables and figures to illustrate the key points but do not repeat their contents in detail. The Discussion should explain the scientific significance of the results in context with the literature, clearly distinguishing factual results from speculation and interpretation. Avoid excessive use of references - more than three to support a claim is usually unnecessary. Limitations of methods should also be addressed where appropriate. Conclude the Discussion with a section on the implications of the findings. Footnotes should be used only when essential.

LAY SUMMARY

Authors are asked to please provide a short summary of ~60 words for inclusion in the online table of contents. This a basically a non-technical abstract — i.e. it should be free from scientific or technical jargon and written at the level of an article in a good newspaper. This text is only visible to readers online and, along with the manuscript title, provides authors with the opportunity to promote their paper so people will read it.

CONFLICTS OF INTEREST

A ´Conflicts of Interest´ section should be included at the end of the manuscript. It should identify any financial or non-financial (political, personal, professional) interests/relationships that may be interpreted to have influenced the manuscript. If there is no conflict of interest, please include the statement "The authors declare no conflicts of interest".

ACKNOWLEDGEMENTS

The contribution of colleagues who do not meet all criteria for authorship should be acknowledged. Financial and material support should also be acknowledged. All sources of funding for the research and/or preparation of the article should be listed, and the inclusion of grant numbers is recommended. Authors should declare sponsor names along with explanations of the role of those sources if any in the preparation of the data or manuscript or the decision to submit for publication; or a statement declaring that the supporting source had no such involvement. If no funding has been provided for the research, please include the following sentence: "This research did not receive any specific funding".

REFERENCES

Please strive to make the References section accurate and consistent with the journal´s style. We use the Harvard system. Cite references chronologically in the text by the author and date. Multiple references from the same year should be cited alphabetically. In the text, the names of two coauthors are linked by ´and´; for three or more, the first author´s name is followed by ´*et al.*´.

Avoid excessive citation of references. All references cited in the text must be listed at the end of the paper, with the names of authors arranged alphabetically, then chronologically. No editorial responsibility can be taken for the accuracy of the references so authors are requested to check these with special care.

In the reference list, include the full author list, article title and journal name (i.e. no abbreviations). Papers that have not been accepted for publication must not be included in the list of references. If necessary, they may be cited either as ´unpublished data´ or as ´personal communication´ but the use of such citations is discouraged. Authors must ensure that they have permission to cite material as a personal communication and can provide unpublished data if required by a reviewer.

Pay special attention to punctuation, spelling of author and species names, and titles of articles, books and journals. EndNote provides output styles for **MARINE AND FRESHWATER RESEARCH**.

- *Journal article*

  Prince, J. D., Sellers, T. L., Ford, W. B., and Talbot, S. R. (1988). Confirmation of a relationship between localised abundance of breeding stock and recruitment for *Haliotis rubra* Leach (Mollusca: Gastropoda). *Journal of Experimental Marine Biology and Ecology* **122**, 91-104.

  Raymond, M., and Rousset, F. (1995). GENEPOP (Version 1.2): population genetics software for exact tests and ecumenicism. *Journal of Heredity* **86**, 248-249.
- *Book chapter*

  Tegner, M. J. (1992). Brood-stock transplants as an approach to abalone stock enhancement. In ´Abalone of the World: Biology, Fisheries and Culture´. (Eds S. A. Shepherd, M. J. Tegner and S. A. Guzmán del Próo.) pp. 461-463. (Blackwell Scientific: Oxford, UK.)

  Wolanski, E., Mazda, Y., and Ridd, P. (1992). Mangrove hydrodynamics. In ´Tropical Mangrove Ecosystems´. (Eds A. I. Robertson and D. M. Alongi.) pp. 43-62. (American Geophysical Union: Washington, DC.)
- *Book*

  Sokal, R. R., and Rohlf, F. J. (1981). ´Biometry. The Principles and Practice of Statistics in Biological Research.´ 2nd Edn. (W. H. Freeman: New York.)

  Attiwill, P. M., and Adams, M. A. (Eds) (1996). ´Nutrition of Eucalypts.´ (CSIRO Publishing: Melbourne.)
- *Thesis*

  Silver, M. W. (1970). An experimental approach to the taxonomy of the genus *Enteromorpha* (L.). PhD Thesis, University of Liverpool.

  Harrison, A. J. (1961). Annual reproductive cycles in the Tasmanian scallop *Notovola meridionalis*. BSc (Hons) Thesis, University of Tasmania, Hobart.
- *Report or Bulletin*

  Chippendale, G. M., and Wolf, L. (1981). The natural distribution of *Eucalyptus* in Australia. Australian National Parks and Wildlife Service, Special Publication No. 6, Canberra.
- *Conference Proceedings*

  Hayman, P. T., and Collett, I. J. (1996). Estimating soil water: to kick, to stick, to core or computer? In ´Proceedings of the 8th Australian Agronomy Conference, Toowoomba, 1 January 1996´. (Ed. M. Asghar.) p. 664. (Australian Society of Agronomy: Toowoomba).

  Kawasu, T., Doi, K., Ohta, T., Shinohara, Y., and Ito, K. (1990). Transformation of eucalypts (*Eucalyptus saligna*) using electroporation. In ´Proceedings of the VIIth

International Congress on Plant Tissue and Cell Culture, Florence, 12-17 June 1994´. pp. 64-68. (Amsterdam IAPTC: Amsterdam.)

- *Web-based material*
  Goudet, J. (2001). ´FSTAT, a Program to Estimate and Test Gene Diversities and Fixation Indices (Version 2.9.3).´ Available at http://www2.unil.ch/popgen/softwares/fstat.htm [accessed 15 November 2007].

TABLES AND FIGURES

Tables must be numbered with Arabic numerals and have a self-explanatory title. A headnote containing material relevant to the whole table should start on a new line, as it will be set in a different font. Tables should be arranged with regard to the dimensions of the printed page (17.5 by 23 cm) and the number of columns kept to a minimum. Excessive subdivision of column headings is undesirable; use abbreviations that can then be expanded upon in the headnote. The first letter only of headings to rows and columns should be capitalised. The symbol for the unit of measurement should be placed in parentheses beneath the column heading. Footnotes should be kept to a minimum and be reserved for specific items in columns. Horizontal rules should be inserted only above and below column headings and at the foot of the table. Vertical rules must not be used.

All figures must be referred to in the text (e.g., Fig. 1, Fig. 2a-d, Figs 1 and 2), and should be numbered consecutively in the order that they are cited within the paper. Electronic submission of figures is required. Photographs and line drawings should be of the highest quality and, if not created digitally, should be scanned at high-resolution: photographs at 300 dpi at final size, saved as .jpg files; hand-drawn line drawings at least 600 dpi at final size, saved as .tif files. Black-and-white photographs should be saved in greyscale format as .tif or Photoshop files. Labels must be applied electronically to the scanned images in Photoshop, rather than scanning manually labelled figures. Colour figures and photographs must be submitted in CMYK format for printing purposes, not in RGB. Photographs and images must be of the highest quality, and trimmed squarely to exclude irrelevant features. When in a group, adjacent photographs must be separated by uniform spaces that will be 2 mm wide after reduction. A scale bar is desirable on micrographs and photographs lacking reference points. Important features to which attention has been drawn in the text should be indicated.

Line illustrations prepared using either a draw or chart/graph program should be saved in the following formats: encapsulated postscript (.eps) (preferred format); Adobe Illustrator (.ai); or Excel (.xls). Illustrations created using Powerpoint should be saved in PowerPoint or as Windows metafiles (.wmf); CorelDraw files should be saved as .eps or .ai files; charts created on a Macintosh computer should be saved as .eps, .ps or PICT files; SigmaPlot files should be saved in .eps format (postscript printer driver required). **IN ALL CASES, THEY SHOULD BE EDITABLE VECTOR GRAPHIC FILES.** Minimise use of 3D graphs. Remove colours from all charts and graphs that are to be reproduced in black, grey and white.

The lettering of figures must be in sans-serif type (Helvetica is ideal) with only the first letter of the first word of any proper names capitalised, and should not be in bold type. For letter size, the height of a lower-case ´x´ after reduction should be approximately 1.2 mm. Do not use the symbols ´+´ or ´×´ for data points. Grid marks should point inwards and legends to axes should state the quantity being measured and be followed by the appropriate units in parentheses. Thickness of lines on line diagrams at final size must be no less than 0.5 pt. Grouped figures should not exceed 17.5 cm by 23 cm. Colour graphics will be accepted, but the cost of production is borne by the author.

Colour is free of charge in the online versions of your paper. Colour charges are incurred only if you want colour in the print version of the journal, and are ~ AU$300 per page. The exact cost will depend on the number of images and their placement, and can be discussed with the journal’s Production Editor after your manuscript has been accepted for publication. Note that colour may be necessary in the print version of the journal (and will therefore incur colour charges) if the images do not make sense in monochrome.

Please contact the Production Editor for further information.

SUPPLEMENTARY MATERIAL

In an effort to make best use of printed journal space, **MARINE AND FRESHWATER RESEARCH** strongly encourages authors to place supporting files such as additional tables, figures and raw data in ´Supplementary Material´, which is linked online to the paper when it is published electronically. Such material is not crucial to the paper’s interpretation but would bolster claims, illustrate specific aspects of interest, or expand on a point in the text. There is no special format for Supplementary Material and it should be cited in the main text as ´..available as Supplementary Material...´ or ´(see Supplementary Material)´.

GUIDELINES FOR DATA ANALYSIS AND PRESENTATION

Effective data analysis seeks to summarise and clarify results, enhancing the objectivity with which they are presented and interpreted. If an analysis fails to achieve this, it is probably unsuitable. No matter what analysis is used, the reader must be provided with enough information to independently assess whether the method is appropriate. Therefore, assumptions and models underlying unusual statistical analyses must be clearly stated, usually with supporting references. Even when conventional parametric statistics are used, the reader must be assured that the data satisfied assumptions of normality as well as other specific requirements (e.g. homogeneity of variances). Bayesian and other non-frequentist approaches are welcomed but their application and assumptions must be explained and justified in sufficient detail.

Describing data. Full details of sampling, survey and experimental designs, protocols for collecting data (with references where appropriate), precision of measurements, sampling or experimental units, and sample sizes must be given. Typically, reported values should include the sample size and some measure of precision (e.g. standard errors or specified confidence intervals) of estimates. Presenting data as graphs is invaluable, helping demonstrate trends and illustrate where data might violate statistical assumptions. Tables are useful when specific values are to be presented or the data do not lend themselves readily to graphical presentation. See recent issues of the Journal for examples of effective figures and tables.

Describing statistical analyses. The specific statistical procedure must be stated. If it is an unusual one, it should be explained in sufficient detail, including references where appropriate. All statistics packages used should be cited fully with their version number. Sometimes, it will be necessary to indicate which procedure, method or module within a package was used. If conclusions are based on an analysis of variance or regression, there must be sufficient information to enable the construction of the full analysis of variance table (at least both degrees of freedom, the structure of F-ratios, and *P* values). Indicate which effects were considered fixed or random and explain why. If data are to be pooled or omitted, this should be fully justified.

Actual *P* values are far more informative than ´$P < 0.05$´ or symbols such as ´*´. However, statistical significance should not be confused with effect size and biological importance. Power analyses (i.e. determination of Type II error rates) may be useful, especially if used in conjunction with descriptive procedures like confidence intervals.

UNITS, NOMENCLATURE AND FORMULAE

Use SI units for all measurements unless there are valid reasons for not doing so - these will need full explanation. Avoid ambiguous forms of expression such as $\mathrm{mL/m^2/day}$. Note that the journal style is to express units with exponential notation (e.g. mg/mL is expressed as $\mathrm{mg\ mL^{-1}}$).

Measurements of the radiation environment. Measurements of the radiation environment should be presented in terms of irradiance or photon irradiance or both, with the waveband of the radiation specified. Photon irradiance units are particularly advantageous in papers concerned with the quantum efficiency of plant photo-processes. Measurements in terms of luminous flux density should be avoided in papers reporting results in photobiology, including photosynthesis.

Units and nomenclature in physical oceanography. For sea water and the normal range of saline waters in estuaries, use the Practical Salinity Scale of 1978 (see UNESCO Technical Papers in Marine Science numbers 36 and 391, 1981). Within the range of 2-43 ´parts per thousand´ on the old scale (the approximate range within which the Knudsen relationship applies), salinities should be reported as dimensionless values. Scales on figures should be labelled ´Salinity´ without any unit or index. As the quotation of salinities as dimensionless values may puzzle some readers, it is recommended that the Methods section state that salinity values are based on the Practical Salinity Scale of 1978 (PSS 78). Alternatively, salinity can be expressed as weight of solute per thousand parts of solution expressed in units of weight ($\mathrm{g\ kg^{-1}}$). For uniformity, the same unit should be used in reporting salinities based on historical data. Where salinities are calculated from conductivity ratios measured with a salinometer, the basis of the conversion should be stated. Density of sea water can be calculated from the International Equation of State of Seawater 1980 (IESS 80) and expressed in kilograms per cubic metre.

For other symbols, units and nomenclature in physical oceanography papers, authors should adopt the recommendations of the IAPSO Working Group (SUN Report 1979, Publication Scientifique number 31, International Union of Geodosy and Geophysics, Paris).

Units of current velocity and discharge. Express current velocity as metres per second. Discharge (volume over time) can be expressed as either cubic metres per second or megalitres per day but authors must be consistent in their use of units throughout the paper.

Mathematical formulae. Mathematical formulae should be presented with symbols in correct alignment and adequately spaced. Equations should not be embedded images; use equation editors that result in an editable format. Each formula should be displayed on a single line if possible. During the final proof stage, the author(s) must check formulae very carefully.

Enzyme nomenclature. The names of enzymes should conform to the Recommendations of the Nomenclature Committee of the IUB on the Nomenclature and Classification of Enzymes as published in ´Enzyme Nomenclature 1984´ (Academic Press, Inc., New York, 1984). If there is good reason to use a name other than the recommended one, at the first mention of the alternative name in the text it should be identified by the recommended name and EC number. The Editor should be advised of the reasons for using the alternative name.

Chemical nomenclature. The names of compounds such as amino acids, carbohydrates, lipids, steroids, and vitamins should follow the recommendations of the IUPAC-IUB Commission on Biochemical Nomenclature. Other biologically active compounds, such as metabolic inhibitors, plant growth regulators, and buffers should be referred to once by their correct chemical name (in accordance with IUPAC rules of Chemical Nomenclature) and then by their most widely accepted common name. Where there is no common name, trade names or letter abbreviations of the chemical may be used.

Microbiological nomenclature. The names of bacteria should conform to those used in ´Approved List of Bacterial Names´ (American Society for Microbiology, Washington, D.C., 1980). Fungal nomenclature should conform to the International Code for Botanic Nomenclature.

DNA data. DNA sequences published in the Journal should be deposited in one of the following nucleotide sequence databases: EMBL, GenBank or DDBJ. An accession number for each sequence or sequence set must be included in the manuscript before publication. In addition, electronic copies of the data sets in nexus format should be supplied with the manuscript to aid the review process.

ANIMAL AND HUMAN RESEARCH ETHICS

Researchers must have proper regard for the ethical implications of all research involving animals or humans*. Possible adverse consequences of the research for individuals or populations – of any species – must be weighed against the potential gains in knowledge and practical applications. Papers reporting work with animals or humans must include a reference to the code(s) of practice adopted for the research. Permits for ethics clearance for human or animal research, for sampling and for animal handling must be specified clearly in the Acknowledgements and be obtained in advance of the research being performed.

Authors are required to confirm that their research meets the ethical guidelines, including adherence to the legal requirements of the study country, when they submit their manuscript via ScholarOne Manuscripts. Research undertaken without a permit under a relevant policy within the study country will not be considered. If the study has been deemed as not requiring ethics approval, or granted an exemption, this should be detailed in the manuscript and supported by a statement from the relevant ethics committee with the reasons for the exemption (based on institutional and national standards for the care and welfare of animals), or a statement detailing compliance with specific guidelines.

Editors should ensure that peer reviewers consider ethical and welfare issues raised by the research they are reviewing, and to request additional information from authors where needed. In situations where there is doubt as to the adherence to appropriate procedures or approval by the relevant ethics committee, editors are required to reject these papers.

*Human research is research conducted with or about people, and may include the involvement of humans through taking part in surveys, interviews or focus groups; being observed by researchers; researchers having access to their personal documents of other information; or access to their information as part of an existing published or unpublished source or database (for more information, see the National Statement on Ethical Conduct in

Human Research, 2007 – Updated 2018). Authors are required to document that a formally constituted review board (Institutional Review Board or Ethics committee) has granted approval for the research to be done, or that the principles outlined in the Declaration of Helsinki regarding human experimentation have been met. Investigators who do not have access to an institutional review board are required to provide a statement to the editor outlining why it was not possible to gain formal ethics approval. If the study is judged exempt from review, a statement from the committee is required. Authors should make an ethics statement within the manuscript to this effect. Authors should also state that the research was undertaken with appropriate informed consent of participants or guardians.

CSIRO Publishing also follows guidelines provided by the CSIRO Animal Ethics committee and CSIRO’s own guidelines on ethical human research.

DATA DEPOSITION

Authors are encouraged to deposit labelled voucher specimens documenting their research in an established permanent collection and to cite this collection in publication.

Authors are encouraged to place all species distribution records in a publicly accessible database such as the national Global Biodiversity Information Facility (GBIF) nodes or data centres endorsed by GBIF, including BioFresh.

HOW TO SUBMIT MANUSCRIPTS

To submit your paper, please use our online journal management system ScholarOne Manuscripts, which can be reached directly through this link or from the link on the journal´s homepage. If a first-time user, register via the ´Register here´ link, or use your existing username and password to log in. Then click on the ´Author Centre´ link and proceed.

A covering letter must accompany the submission and should include the name, address, fax and telephone numbers, and email address of the corresponding author. **THE LETTER SHOULD ALSO:**
1) JUSTIFY WHY THE WORK SHOULD BE CONSIDERED FOR PUBLICATION IN THE JOURNAL AND CLEARLY EXPLAIN THE SCIENTIFIC NOVELTY OF THE RESEARCH;
2) STATE THAT THE MANUSCRIPT HAS NOT BEEN PUBLISHED OR SIMULTANEOUSLY SUBMITTED FOR PUBLICATION ELSEWHERE; AND
3) INCLUDE NAMES, ADDRESSES AND EMAIL CONTACTS OF FOUR WELL QUALIFIED AND independent REFEREES WHO ARE WORLD EXPERTS IN THE FIELD (BUT NOT FROM THE AUTHOR’S INSTITUTION) AND HAVE NOT PUBLISHED WITH THE AUTHOR IN THE LAST FIVE YEARS. AUTHORS SHOULD BE AWARE THAT APPROACHING SUGGESTED REVIEWERS IS AT THE DISCRETION OF THE EDITOR. INTENTIONALLY FALSIFYING REVIEWER DETAILS WILL RESULT IN REJECTION OF A MANUSCRIPT.

If you encounter any difficulties, or you have any queries, please contact:
MARINE AND FRESHWATER RESEARCH
CSIRO Publishing
Locked Bag 10
Clayton South, Vic. 3169
Australia

TELEPHONE +[61 3] 9545 8439
EMAIL publishing.mfr@csiro.au

Authors are strongly advised to consult recent issues of **MARINE AND FRESHWATER RESEARCH** as well as the Sample Issue to confirm their paper fits the scope and follows the Journal´s conventions for headings, tables, illustrations, style, references, and general form. Following these closely will shorten the time between submission and publication and reduces the workload for reviewers. Poorly prepared and unnecessarily lengthy manuscripts have less chance of being accepted or will require laborious revision.

Resubmission of manuscripts revised in response to reviewers´ comments should occur within 2 months of the primary editorial decision, and be accompanied by a detailed point-by-point explanation of how each comment has been addressed. When submitting revised manuscripts authors are encouraged to ensure they provide sufficient information to enable a clear decision to be made, but on occasions revised manuscripts may be sent for further review. Unless prior arrangements are made with the Editor, revised manuscripts received after 2 months will usually be treated as new submissions.

PROOFS AND REPRINTS

Page proofs are sent to the corresponding author for checking before publication. Proofs should be checked and returned by email to the Production Editor within 48 h of receipt. At this stage, only essential alterations and correction of typesetting errors may be undertaken. Excessive author alterations will be charged to the author.

Reprint order forms and prices are enclosed with the proofs and should be completed and returned to the Production Editor with the proofs. Corresponding authors will be sent a free PDF of their paper on publication. There are no page charges.